

ARTE

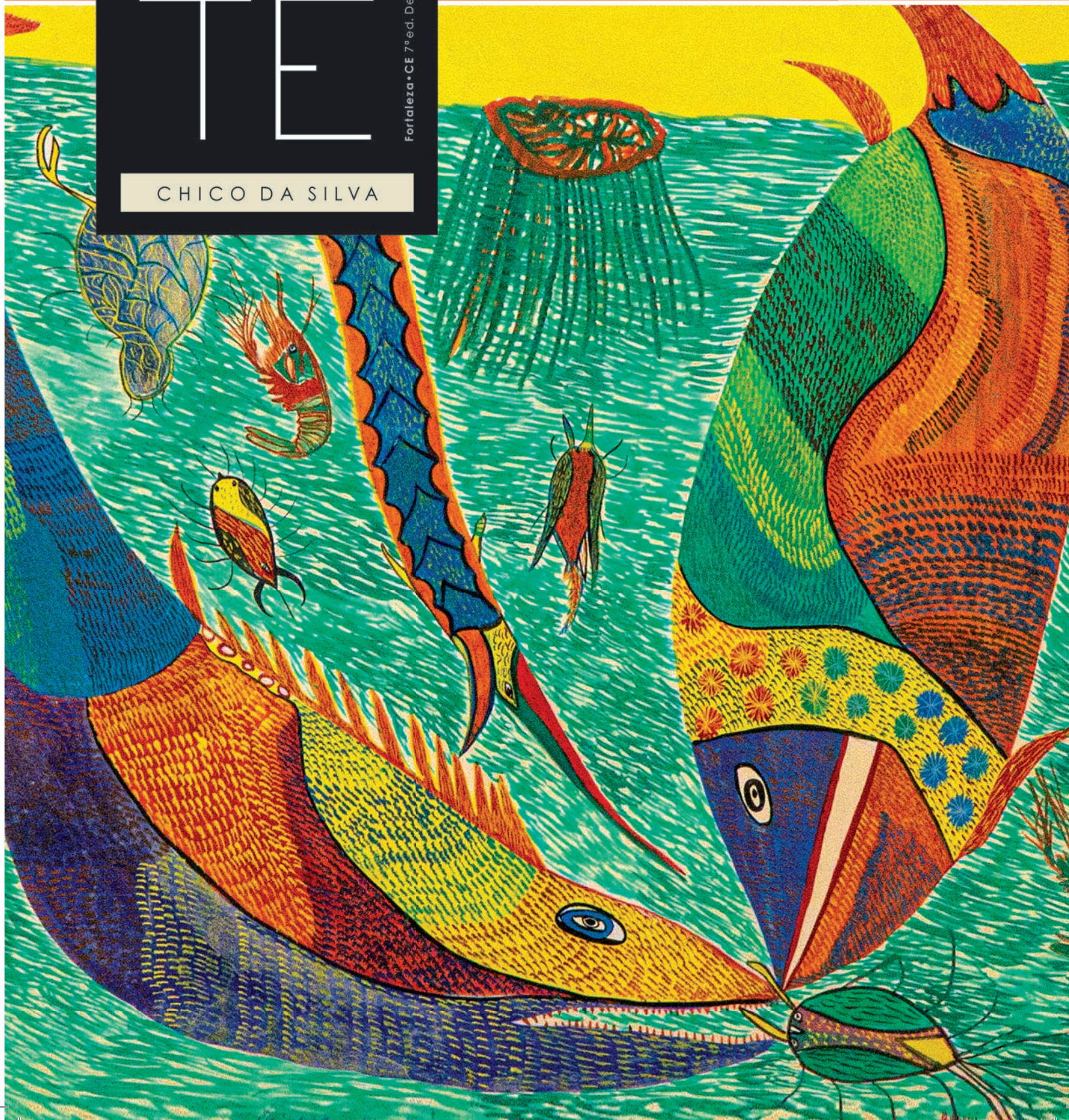
CHICO DA SILVA

Fortaleza • CE 7ª ed. Dezembro/2020 • Trimestral

PINTURA
ESCULTURA
FOTOGRAFIA
GRAVURA
TÉCNICAS MISTAS
OBRAS ARQUITETÔNICAS

ISSN 2525387-5
9 772525 387003

02018



Aqui no Sonata o café da manhã é assim:

Repleto de arte.

Aproveite sua estadia com toda a hospitalidade, conforto e qualidade que só o Sonata de Iracema proporciona. E com a vista do mar que vai te encantar todos os dias.

Agenda aberta para o
segundo semestre de 2020.



**Hotel
Sonata
de Iracema**
Sinta-se em Casa

APRESENTAÇÃO



VANDO FIGUEIREDO
ARTISTA PLÁSTICO

ARTE, PORQUE A VIDA PEDE

A arte já sobreviveu a quase todas as fases extremas da história da humanidade. Em alguns momentos, a arte foi tragada por tempos de intolerância e medo, por conta do poder libertário e transformador que nos concede. Este ano foi atípico em todos os aspectos: notícias de vidas e mortes, incertezas, promessas de caos, isolamento e perdas nos assombraram. A pandemia nos mostrou uma nova e surpreendente forma de encarar a beleza e a dureza da vida. Celebramos com entusiasmo essa 7ª edição da **Revista Arte**, que traz na capa Chico da Silva, um dos mais expressivos artistas cearenses, e que ora chega até você, seja de forma impressa ou digital. Acreditamos que a arte, construção coletiva ou individual, é o sublime ofício de formar pontes em direção à vida e à esperança, para o exercício da sensibilidade com nós mesmos e, também, com o outro. Queremos agradecer pela parceria e confiança de todos os nossos patrocinadores que acreditam na excelência desse trabalho. Estamos ainda mais convictos de que nossos objetivos, de formar novos apreciadores da arte e enaltecer o talento de quem dela vive e encanta, estão sendo alcançados.

Que venha 2021! Boa leitura!



Capa: Detalhe da obra Os peixes de Vênus
Chico da Silva / Guache sobre cartão/1959
66,2 x 90,0 cm / Acervo - Mauc / Esta obra
está entre as da Bienal de Veneza de 1966.



**Acesse ou baixe
a versão digital
dessa 7ª edição**

A versão impressa da 7ª edição da Revista Arte é uma publicação limitada, nas seguintes galerias:

1. **Galeria Multiarte** / Rua Barbosa de Freitas, 1727 / Fone: 85 3262.7724
2. **Galeria Mariana Furlani** / Rua Canuto de Aguiar, 1401 / Fone: 85 3242.2024
3. **Galeria Danielle Araújo** / Rua Vicente Leite, 1026 / Fone: 85 3264.7066
4. **Farben Design Haus** / Rua Tomás Acioli, 1320 / Fone: 85 99964.0400
5. **Mauc** / Av. da Universidade, 2854 / Benfica / Fone: 85 3366.7481

B/k
editora

bookmaker@bookmaker.com.br

EDITOR **Júnior Gomes**

EXECUTIVA COMERCIAL **Líliá Quinderé**

CURADORIA **Vando Figueiredo**

CONSULTORIA DE ARTE **Ignês Fiúza**

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Mirtila Facó - MTb 2803/CE

EDIÇÃO DE IMAGENS **Carlos Rios**

DIRETOR DE ARTE **Rodrigo Enéas**

FOTO CAPA **Chico Gadelha**

REVISÃO **Yerlon Magalhães**

COLABORAÇÃO
Gabriel Jereissati e Juliana Gomes

IMPRESSÃO **Unigráfica**

EDITORIAL DE ENCERRAMENTO
Totonho Laprovitera

OBRAS ARQUITETÔNICAS
TÉCNICAS MISTAS
GRAVURA
FOTOGRAFIA
ESCULTURA
PINTURA

FFR

#6

CHICO DA SILVA
O ARTISTA NAÏF
TRAJETÓRIA
E OBRA

GERCIANE MARIA DA
COSTA OLIVEIRA



#28

**CORBINIANO
LINS**

A ARTE INSPIRADA
NO COTIDIANO E A
BELEZA NAS COISAS
SIMPLES DA VIDA



#20

**TARCISIO
FÉLIX**

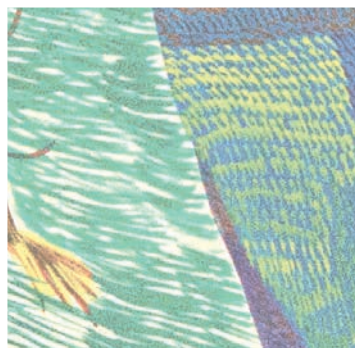
50 ANOS
REPRESENTANDO O
FIGURATIVISMO DO
NORDESTE



#12

INGRID BARREIRA

UMA VISÃO
ETNOGRÁFICA
ATRAVÉS DA
FOTOGRAFIA



#32

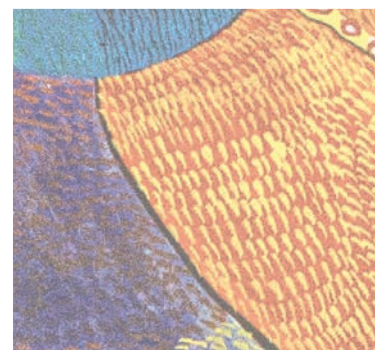
**MATEUS
MONTENEGRO**
DESIGNER CEARENSE
ULTRAPASSANDO
AS BARREIRAS
GEOGRÁFICAS



#24

**WILSON
NETO**

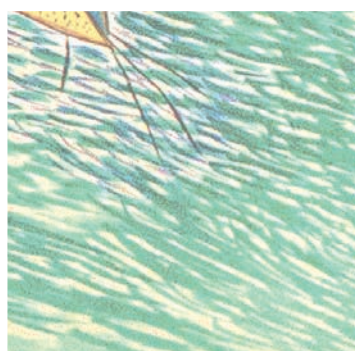
“NASCI PARA FAZER
ARTE E NÃO TENHO
NENHUM PLANO B”



#16

**FERNANDO
FRANÇA**

RESSIGNIFICANDO
O MUNDO MÍTICO
AMAZÔNICO COM O
REALISMO FANTÁSTICO



#36

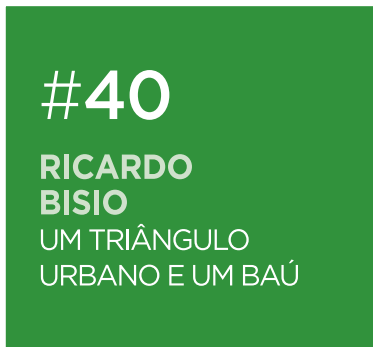
**ARTE POPULAR
LUGAR ONDE
BROTAM
ESSÊNCIAS E
RENOVAÇÕES**
LUCIANA ELOY





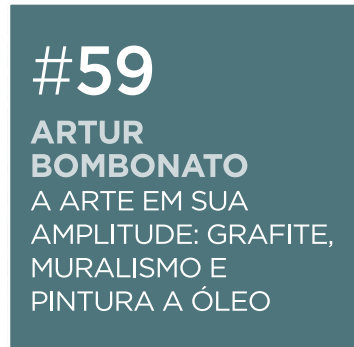
#48

LINCOLN MACHADO
PINTURA E COLEÇÃO:
A ARTE EM SUAS
VÁRIAS NUANCES



#40

RICARDO BISIO
UM TRIÂNGULO
URBANO E UM BAÚ



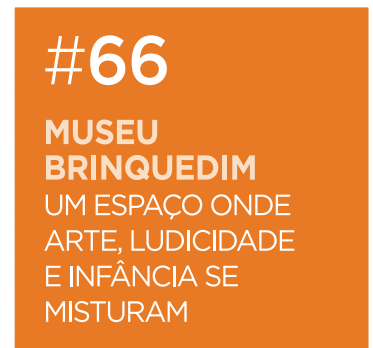
#59

ARTUR BOMBONATO
A ARTE EM SUA
AMPLITUDE: GRAFITE,
MURALISMO E
PINTURA A ÓLEO



#52

ESTAR URBANO
TECNOLOGIAS
SOCIOAMBIENTAIS
PROMOVENDO
CRIATIVIDADE
E BEM-ESTAR



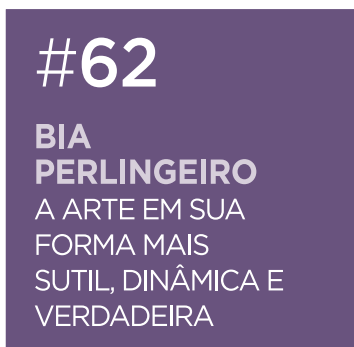
#66

MUSEU BRINQUEDIM
UM ESPAÇO ONDE
ARTE, LUDICIDADE
E INFÂNCIA SE
MISTURAM



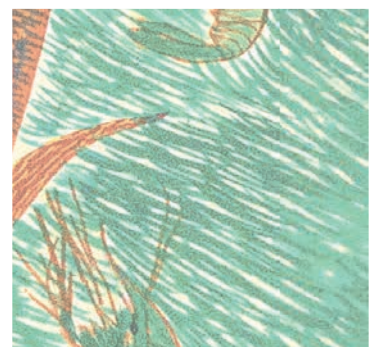
#44

SÉRGIO HELLE
PIONEIRO NA MESCLA
DE FERRAMENTAS
DIGITAIS E TÉCNICAS
TRADICIONAIS



#62

BIA PERLINGEIRO
A ARTE EM SUA
FORMA MAIS
SUTIL, DINÂMICA E
VERDADEIRA



#56

JOAQUIM CARTAXO
EXPLORANDO
O VIGOR E AS
POSSIBILIDADES DA
LINHA NO DESENHO



CHICO DA SILVA

O ARTISTA NAÏF

TRAJETÓRIA E OBRA

POR GERCIANE MARIA DA COSTA OLIVEIRA

Nascido no Alto do Tejo, cidade do Acre, na década mais provável de 1910 (o ano de seu nascimento não é um dado consensual entre biógrafos), Chico da Silva é considerado um dos nomes mais importantes da arte naïf no Brasil.

Ganhador da menção honrosa da XXXII Bienal de Veneza, em 1966, a mais alta instância de consagração dos sistema das artes, sua gênese artística ocorre no Ceará, terra de sua mãe Minervina Félix de Lima, onde se instala, na década de 1930.

“Descoberto” pelo crítico e artista suíço Jean Pierre Chabloz desenhando, a carvão e giz, bichos estranhos nos muros das casas dos pescadores da Praia Formosa, em Fortaleza, em 1943, Silva tem em sua trajetória a presença da fórmula biográfica do encontro fortuito com um agente cultural, similar a outros artistas classificados *naïfs*. Como exemplo, temos: Cardosinho (1861-1947), percussor da arte *naïf* brasileira, que foi descoberto por Portinari e pelo pintor nipo-francês Fougita; Pedro Paulo Leal (1861-1947), descoberto na década de 1930 pelo marchand Jean Boghici; José Antônio da Silva (1909-1996), encontrado no ano de 1943 pelos renomados críticos Paulo Mendes de Almeida e Lourival Gomes Machado; assim como Maria Auxiliadora (1935-1974), doméstica descoberta pelo côsul norte-americano Werner Arnhold.

Guardam-se em certa medida, nesses relatos de descoberta casual, as acepções românticas de “dom” e “genialidade” intrinsecamente manifestas pela caracterização livre, espontânea e original do trabalho artístico. E era assim que Chabloz concebia a arte de Silva, como inata, pura e direta. O fato de Silva ter herança indígena advinda de seu pai, índio peruano do Kampa, reforçava, em certa medida, a compreensão da singular cosmogonia na qual o universo pictórico de Chico se assentava. Por mais que Chico tenha recebido instruções técnicas iniciais em desenho através de missionários que ele conviveu em sua infância, como especulam algumas biografias, seu traço forte e contínuo, apontado pelo memorialista Estrigas, estaria isento dos “ismos” e injunções da tradição canônica das artes plásticas. A força de sua expressão



“

CHICO DA SILVA
É CONSIDERADO
UM DOS
NOMES MAIS
IMPORTANTES
DA ARTE NAÏF
NO BRASIL.

”

residiria na sua desfiliação das correntes e escolas artísticas.

Buscando interferir o mínimo possível no processo do jovem pintor, Chabloz forneceu o material necessário (lápis, nanquim, guache, pastel, folhas bristol e pincéis) para Chico transpor seu universo pictórico muralista para o suporte das telas. Este processo resultou, sem dúvida, em uma série de conversões e redimensionamento plásticos que influenciaram diretamente na composição e feitura final da obra.

As marcas e impressões destes elementos, se não determinam a “natureza” do produto final, as condicionam, caracterizando a realização da obra de arte como resultante desta negociação entre as intenções do artista e as possibilidades oferecidas pelos materiais artísticos. Além do que, com o uso das telas, a obra de Silva adquire qualidade móvel que permitiu que seus trabalhos fossem vistos e reconhecidos em lugares distantes como Genebra (1959), Lausanne (1950) e Lisboa (1952).

ACERVO RODRIGO PARENTE



No plano local, a aproximação de Chico da Silva com o movimento moderno do Ceará não aconteceu de forma imediata. Silva não costumava frequentar os ateliês coletivos, embriões do Centro Cultural de Belas Artes (CCBA) e da Sociedade Cearense de Artes Plásticas (SCAP), que reuniam jovens e experientes artistas interessados por leituras, reflexões e práticas de arte. Nem transitava entre intelectuais, literatos e artistas plásticos que rotineiramente se encontravam nos cafés e livrarias da cidade para refletir sobre as modernas concepções estéticas em voga. Suas experimentações estéticas se davam na zona oeste da cidade, lugar onde o artista

ganhava a vida consertando guarda-chuvas e sapatos.

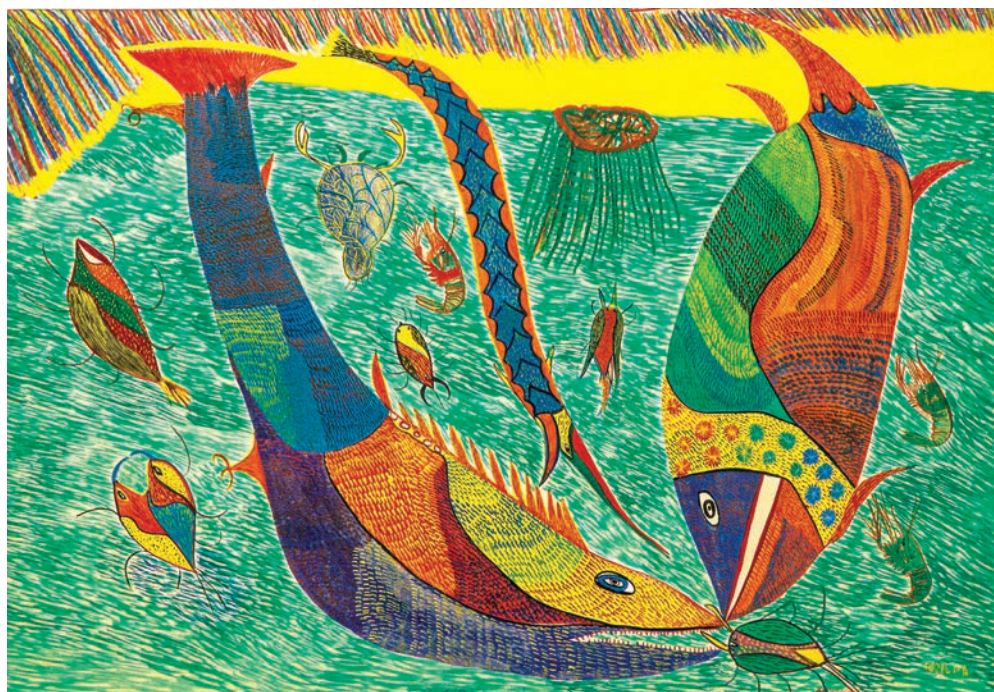
Muito embora alguns relatos atestem um contato inicial entre Silva e os pintores Aldemir Martins e Antônio Bandeira, a relação do “artista praiano” com o movimento “renovador” do Ceará ocorrerá exclusivamente no plano plástico. O desapego à proporcionalidade, as “distorções” e ênfases formais que caracterizavam suas figuras de colorido chapado e pontilhismo rítmico o colocavam na mesma esteira de produtores contrários, ao fazer técnico e imitativo da Arte Neoclássica. Seu trabalho entrava em acordo com aquelas obras que, de alguma maneira, seja pela maneira original de

expressão ou por estabelecer novos esquemas de composição, buscavam subverter as convenções estabelecidas pelo cânone.

Com efeito, de uma forma geral, a arte *naïf* e o movimento de vanguarda artística tiveram pontos de encontro ao longo da história. Na Europa do século XX, muitos artistas, dentre eles Pablo Picasso (1881-1973) e Paul Gauguin (1848-1973), irão perseguir, por meio de sintetizações formais, ausência de escala naturalística e deformações imagéticas, as características destes modos artísticos mais “sinceros” e “simples”, observadas nos artefatos advindos da Oceania, Ásia e África e nas obras dos chamados “pintores de domingo”. Na esfera nacional, trabalhos de artistas como Djanira (1914-1979) são expostos e comercializados ao lado dos clássicos modernos, como Di Cavalcanti (1897-1976) e Portinari (1903-1962), em galerias de renome. Frente a esta lógica, torna-se compreensível como os trabalhos de Chico se inscrevem no movimento de ruptura artística local.

Residente do Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará (MAUC) durante três anos (1959- 1961) e ganhando reconhecimento em mostras coletivas e individuais no país e no exterior, Chico da Silva passa a interessar galeristas, compradores particulares, altos estratos sociais do Estado e turistas que visitavam Fortaleza, na década

ACERVO MAUC



“

A FORÇA DE SUA EXPRESSÃO RESIDIRIA NA SUA DESFILIAÇÃO DAS CORRENTES E ESCOLAS ARTÍSTICAS.

”

de 1960. Pode-se identificar na comercialização dos quadros de Silva um vetor importante para a estruturação do mercado de arte no Ceará. O fenômeno de vendas de suas telas no âmbito do mercado estrutural de galerias profissionais, semiprofissionais e espaços equivalentes e no comércio massivo e indiferenciado da pintura (lojas de decoração, moldurarias, centros turísticos, etc.) inaugura um capítulo na história da profissionalização das artes no Ceará, sobretudo pela formação de uma rede de mediação composta por agentes de fraca e intensa integração ao campo artístico.

Neste contexto de viva dinâmica mercadológica, o artista subverte o modelo canônico de produção artística no qual a Arte Moderna assenta suas bases, ao estender sua produção individual com a formação do ateliê coletivo no bairro Pirambu. Composto inicialmente por Babá, Claudionor,



ACERVO RODRIGO PARENTE

Francisca (Chica), Garcia e Ivan, o núcleo de produção coletiva trabalhava em um regime de divisão de tarefas flexível, no qual cada um fazia um pouco de tudo (riscava os desenhos, compunha o pontilhado, pigmentava, etc.), ficando para o pintor supervisor o acabamento.

Este tipo de organização da produção de pintura, caracterizada pela reunião de artistas dentro de um mesmo ateliê e por certo grau de divisão de atividades, se assemelha muito ao

regime manufatureiro descrito por Karl Marx. Para o autor, o sistema de manufatura decorre da decomposição do gesto do artesão em diversas operações manuais, das quais resulta o estado elementar da divisão de trabalho, aspecto responsável, em muito, pelo aumento da produtividade.

Tomando como referência os protótipos (predominantemente aves), cada ajudante imprimia suas características particulares nos trabalhos, incorporando novos elementos ao temário de



ACERVO HOMERO SILVA

Silva, que posteriormente seriam assimilados pelo próprio artista. Característica das produções de 1970, a atualização desse campo plástico pode ser observada no tratamento visual que se passou a fazer com o degradê monocromático e na aplicação diferenciada do fundo negro.

Muito embora estes trabalhos estivessem condicionados a uma matriz exemplar, eles tomavam as referências genéricas como orientações de partida; contudo, inexistia o compromisso de reproduzir fidedignamente o gesto, as operações, o emprego de cor de um trabalho em específico de Chico da Silva. Não se buscava, portanto, a repetição modelar e cópias exatas de obras como *Oroidime*, *Cabloco Peruano* e de

outros trabalhos. Os aspectos que caracterizavam estas composições como pretensas obras de Chico da Silva (o pontilhismo, as cores cruas, o temário primitivo etc.), estes sim eram perseguidos pelos pintores, com precisão, mais por alguns do que por outros.

Desse núcleo germinal, surgem outras oficinas espalhadas pela cidade, descentradas da supervisão do pintor. No bairro Pirambu, uma massa de anônimos composta por homens, mulheres e crianças passa a produzir “Chicos da Silva” e ter na comercialização dessas obras sua principal fonte de renda. Nesse movimento, Chico da Silva extrapola sua condição de artista singular e único e se torna um modo de pintar.

Para além de toda polêmica que esse fenômeno suscitou no mundo das artes, fato bastante tratado pelas manchetes dos jornais locais da época, é importante assinalar para o que essa dinâmica manifesta, a força expressiva da arte de Silva que mobiliza públicos diversos, massivos e especializados, e a amplitude de sua obra que não se restringe à assinada.

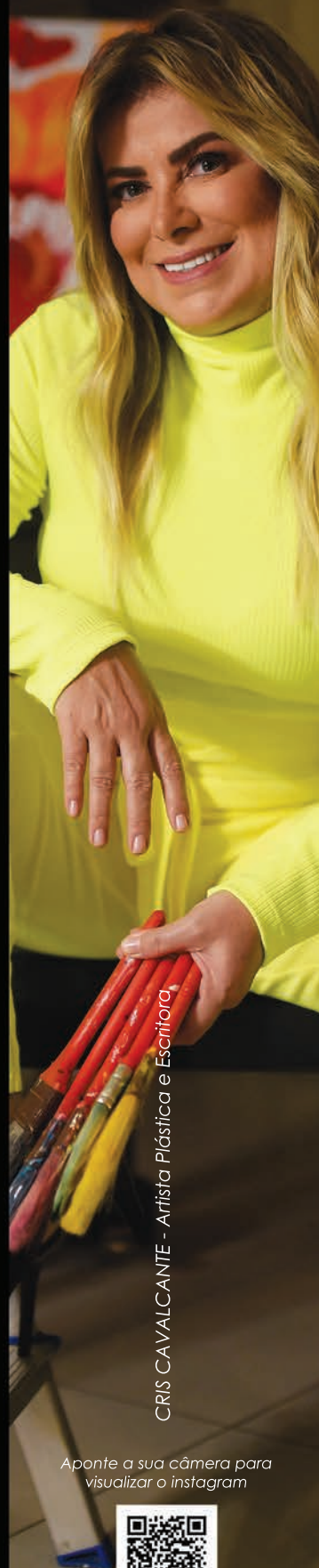


MAIS SOBRE O ARTISTA

EXPOSIÇÕES 2020

CRIS
CAVALCANTE
abstract art + literature


- Março - **Adjetivo Feminino**
Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará
- Março - **Intensidade Feminina**
Art Lab Gallery - São Paulo
- Março - **Exposição Virtual**
Museu de Arte da UFC
- Mai - **Exposição Apreciar sem Tocar**
Revista Arte Ceará
- Agosto - **Exposição Boas Notícias**
Fortaleza
- Agosto - **Expo Art**
Portugal
- Agosto - **Swiss Art Expo**
Zurique
- Setembro - **Expo Art**
Madri - Espanha
- Setembro - **Casa Expoart**
Madri - Espanha
- Outubro - **International Contemporary Exhibition**
Lisboa - Portugal
- Outubro - **Expo Art**
Porto - Portugal
- Novembro - **Expo Art International**
Londres - Inglaterra
- Dezembro - **Expo Art**
Miami - EUA



CRIS CAVALCANTE - Artista Plástica e Escritora

Aponte a sua câmera para
visualizar o instagram



 criscavalcantart

INGRID BARREIRA

INGRID BARREIRA

UMA VISÃO ETNOGRÁFICA
ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA



“

A CURIOSIDADE PARA CONHECER NOVOS POVOS, NOVAS CULTURAS, DESCOBRIR AS BELEZAS DA NATUREZA, IR A LUGARES REMOTOS, ME MOTIVOU A VIAJAR O MUNDO PARA RELATAR A MINHA VISÃO ETNOGRÁFICA ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA.

”

Formada em Administração de Empresas e Direito, mestre em Direito Constitucional e, desde maio de 1992, procuradora do município de Fortaleza, Ingrid Barreira tem uma carreira consolidada.

O sucesso profissional, entretanto, nunca foi empecilho para uma outra grande paixão: a arte e, mais especificamente, a fotografia. “Desde criança gosto de arte. Estudei Educação Artística no Colégio Santa Cecília, depois fiz cursos de pintura a óleo e desenho com professores particulares, aprendi a bordar com minha mãe. Mais tarde, fiz cursos de *fusing*, em ateliês em São Paulo (capital), e de pintura de vitrais, no ateliê do artista plástico Sérgio Prata, em Bragança Paulista”, relembra.

Segundo revela, apesar de permear diversos campos da arte, a fotografia sempre a acompanhou. “Apurar o olhar admirando e fazendo arte, registrar tudo (ou quase tudo que possível) e depois fazer os álbuns de fotografia”, diz. Prima de Gentil Barreira, um dos mais importantes nomes

da fotografia no Brasil, Ingrid afirma que o trabalho de Gentil sempre foi fonte de inspiração. E, assim, sua dedicação à fotografia já ocorre há onze anos. Além do estudo da fotografia, Ingrid pesquisa sobre História da Arte, História Geral, trabalhos de outros fotógrafos, imagem, luz, edição de imagem, edição de vídeo, semiótica, e tudo que possa acrescentar ao enriquecimento profissional. Conforme diz: “Estudei muito fotografia de forma silenciosa e, como toda dedicação tem o seu retorno, logo que divulguei, comecei a expor no Coco Bambu de Fortaleza e, depois, nos restaurantes dos outros estados do Brasil. Em seguida, foi a vez de expor em museus e galerias”, ressalta.

Sensibilidade e extremo rigor técnico são características que marcam o ofício da fotógrafa. Ao longo de mais uma década, Ingrid teve a oportunidade de fotografar a expressão pessoal de indivíduos em mais de 40 países. Cultura, costumes e crenças são elementos bastante presentes nas imagens captadas. “A curiosidade para conhecer



novos povos, novas culturas, descobrir as belezas da natureza, ir a lugares remotos, ver as adversidades, me motivou a viajar o mundo, principalmente ir a lugares ermos para relatar a minha visão etnográfica através da fotografia”, destaca.

O Brasil, no entanto, nunca foi deixado de lado na fotografia de Ingrid. De acordo com ela, retratar o país é outra riqueza que cultua. “O escritor russo Tolstói falou: ‘se queres ser universal, começa por pintar a tua aldeia’. Penso que é

imprescindível conhecer a nossa cidade, o nosso estado e o nosso país, para que possamos estudar e contar a nossa história e a de outros povos através da fotografia. Já fotografei quase todas as praias do Ceará e muito do nosso sertão”, afirma.



PESCADOR COM CORVOS MARINHOS, TÉCNICA MILENAR, EM YANGSHUO, NA CHINA!



ELEFANTE NUMA MONTANHA DE PEDRA, INUSITADO, NA TANZÂNIA!

O talento de Ingrid foi, cada vez mais, abrindo portas para a sua arte. Em 2017, participou da Mostra Coletiva de Fotografos Cearenses, no Museu da Cultura Cearense, do Centro Dragão do Mar, e, também, da Mostra Mulheres Imagem Ceará, na Imagem Brasil Galeria, e, em 2018, realizou uma exposição individual na Galeria Mariana Furlani, galeria que a representa. “Em 2019, fui convidada pelo artista plástico José Guedes para participar da exposição coletiva A Obra, em comemoração aos cinco anos da Casa D’Alva Galeria”, conta.

A fortalezense orgulha-se por ter tido a oportunidade de fotografar com diversos brasileiros que muito admira e que são grandes inspirações, tais como: Luciano Candisani, Érico Hiller, João Marcos Rosa, Cristiano Xavier, Luiz Braga e Eder Chiodetto. “Admiro muito o fotógrafo nacional Sebastião Salgado e o internacional Daniel Kordan. As principais referências, além dos já citados, são nomes históricos como Henry Cartier-Bresson e Jean Manzon”, analisa. Ingrid têm projetos de exposições para o final do ano, tanto coletivas

como individuais. “Planejar e por em execução meus projetos é minha meta de vida”, assevera. Agora, é esperar para ver os próximos passos dessa inventiva e brilhante artista.



MAIS SOBRE A FOTÓGRAFA

FERNANDO FRANÇA

RESSIGNIFICANDO O MUNDO
MÍTICO AMAZÔNICO COM O
REALISMO FANTÁSTICO

Nascido em 1962, em Rio Branco, no Acre, Fernando França é tido como um dos artistas plásticos mais criativos e talentosos de sua geração. Da infância vivida na pacata cidade da Amazônia ocidental, recorda: “Posso dizer, com toda a certeza, que tive uma infância maravilhosa, correndo no meio das matas e tomando banho nos igarapés”. Muitas dessas lembranças viriam a inspirar e dar tom ao trabalho realizado no futuro.

A proximidade com a arte aconteceu de forma bastante natural, quando, ainda garoto, teve contato com o fascinante mundo dos quadrinhos. Conforme conta, passava horas a fio a copiar desenhos de grandes nomes do segmento, tais como: Alex Raymond, Hal Foster, Burne Hogarth, Will Eisner, Jean “Moebius” Giraud, Hugo Pratt e Millazo. Porém, o que começou como passatempo, foi, pouco a pouco, se tornando fundamental, como afirma: “A partir de então, esse amor pelas artes foi crescendo comigo, e seguir a trilha que se delineava à minha frente, ao mesmo tempo que me arrastava junto, passou a ser uma necessidade vital”.

SÉRIE ENCANTES AMAZÔNICOS -
“A MUDANÇA DO MAPINGUARI DO
XAPURI PARA A FOZ DO BREU NA
NOITE DO GRANDE TEMPORAL”. -
ÓLEO S/ TELA, 90 X 120 CM, 2020



“

NO QUE DIZ RESPEITO À MINHA PRODUÇÃO ATUAL, O CAMINHO NATURAL FOI ENVEREDAR PARA O PLANO ESTÉTICO POR MEIO DA LINGUAGEM DO REALISMO FANTÁSTICO.

”



BRENDA - PINTURA DIGITAL REALIZADA COM ARTRAGE NO IPADPRO, 2020.

Por volta de 1877, devido à grande seca que assolava o Ceará, seu avô, Luis de França, partiu para a Amazônia em busca de uma vida melhor. Se instalou no meio da floresta, na área que se tornaria o futuro Território do Acre, mais precisamente no entorno onde se desenvolveria o município de Xapuri. Após vários anos, sua família fez algumas tentativas de sair de Rio Branco, indo para o Rio de Janeiro e Brasília, mas sempre acabava retornando. Apesar da forte relação com o Acre, Fernando percebeu que sua arte precisava ser expandida e, devido à precariedade das condições que Rio Branco oferecia nesse sentido, foi necessário buscar alternativas e partir para outros centros mais desenvolvidos.

“No início dos anos 1980, após passar um ano em Belém, surgiu a oportunidade de vir para Fortaleza. Acabei fazendo o caminho inverso ao do meu avô e me radiquei no Ceará”, relembra. Na capital cearense, continuou a trabalhar com quadrinhos, chegando a publicar algumas tiras no Jornal O Povo. “Devido às grandes dificuldades que os autores nacionais encontravam em publicar seus trabalhos, aos poucos fui migrando para o universo das Artes Plásticas”, conta. Com o tempo, Fernando passou a buscar uma

linguagem muito particular, passando por diversas fases de experimentações estéticas.

Em cada uma delas, procurou, à sua maneira, solidificar uma linguagem própria e construir um discurso relevante no que diz respeito a sua visão de mundo e a



SÉRIE “ENCANTES AMAZÔNICOS” - “A PELEJA DO BOTO COM A COBRA GRANDE POR CAUSA DO PIRARUCU” - NANQUIM E AQUARELA S/ PAPEL, 30 X 43 CM, 2016.

seus questionamentos e posicionamentos nos planos estético, existencial e social. Mesmo autodidata, começou a buscar referências em nomes como Picasso, Rembrandt e, mais recentemente, Lucian Freud. Atualmente, tem trabalhado, sobretudo, com desenho e pintura, embora faça incursões também pela gravura e escultura. No desenho, a técnica do “bico de pena” é predominante, por vezes associada à aquarela, e, na pintura, utiliza a técnica do “óleo sobre tela”.

Além da vertente autoral, também desenvolve trabalhos com retratos, e, ainda, faz uso das novas tecnologias, em particular as ferramentas voltadas para os meios artísticos, como aquelas desenvolvidas para pintura e desenho digital. “Tenho feito uso dos aplicativos Procreate e ArtRage, utilizando o iPad Pro”, ressalta. Ao longo de mais de três décadas de carreira, Fernando ultrapassou barreiras geográficas e expôs em países como Portugal, França, Alemanha, Dinamarca, Itália, Espanha, Polônia e Cabo Verde. Alguns dos momentos que marcaram sua história foram: a Exposição “Diálogos”, ocorrida em 2011, em Fortaleza; a Exposição “Os Meninos”, que marcou o encerramento de uma residência artística em Troyes, na França, em 2006; e a Exposição “Ciclovía”, em 1997, na galeria da Universidade de Köln, na Alemanha.



PORTRAIT DE CARLA QUEIROZ JEREISSATI - ÓLEO SOBRE TELA.

“A série “Encantes Amazônicos”, apresentada ano passado, na Itália, é resultado de minha pesquisa atual, em que faço um profundo mergulho nas minhas reminiscências da infância e adolescência vividas no Acre, e trago para o mundo pictórico as histórias, os “causos” e a rica mitologia daquela região da floresta amazônica”, revela. Formado em Letras pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e mestre em Literatura Brasileira pela mesma Universidade, Fernando assevera que, apesar dos percalços encontrados no mercado

da arte: “Não posso me queixar. Seria injusto da minha parte, pois consegui, com muita dedicação, firmar meu nome e sobreviver, exclusivamente, de meu trabalho artístico, o que considero, enfim, um enorme privilégio”.



MAIS SOBRE O ARTISTA

TARCISIO FÉLIX

TARCISIO FÉLIX

50 ANOS
REPRESENTANDO
O FIGURATIVISMO
DO NORDESTE



“

NASCIDO NO ANO DE 1943, EM GRANJA, TARCISIO FÉLIX É UM DOS MAIS NOTÁVEIS E CRIATIVOS ARTISTAS PLÁSTICOS CEARENSES.

”



Quem poderia imaginar que as horas passadas a observar o trabalho das louceiras, no município cearense de Granja, fariam de Tarcisio Félix, nascido no ano de 1943, um dos mais notáveis e criativos artistas plásticos cearenses?

A infância, cuja diversão eram as brincadeiras com parentes e amigos no sertão, bem como as festas religiosas, também inspirariam seu trabalho. Os anos foram passando e Tarcisio percebeu que a arte fazia, de fato, parte de sua vida. Por isso, decidiu deixar Granja e viajar, em 1965, ao Rio de Janeiro.

Lá chegando, estudou na Escola Nacional de Belas Artes. Este período, Félix afirma ter sido de fundamental importância para seu desenvolvimento profissional e intelectual. “Foi lá que descobri grandes nomes da pintura, que muito me inspiram até hoje”, ressalta. Entre suas maiores influências estão os grandes mestres da Renascença,

movimento artístico-intelectual que surgiu na Itália, a partir do século XIV, considerada o “berço do Renascimento”, e que, rapidamente, se espalhou por toda a Europa.

O retrato do Nordeste

Figuras nordestinas com anatomia perfeita, pele aver-

melhada e queimada pelo sol e trajes simples: esses são, certamente, os personagens mais corriqueiramente retratados no trabalho de Félix, que sempre fez uso da técnica de pintura a óleo. “Os temas dos meus quadros estão sempre ligados a minha infância. Gosto de retratar as marias-fumaça e as feiras livres.



“

“OS TEMAS DOS MEUS QUADROS ESTÃO SEMPRE LIGADOS A MINHA INFÂNCIA. NÃO ESQUEÇO O ROSTO DA MINHA GENTE, PRINCIPALMENTE DOS AGRICULTORES QUE LIDAM COM A TERRA.

”

Também não esqueço o rosto da minha gente, principalmente dos agricultores que lidam com a terra”, revela.

Exposições individuais e coletivas

Ao longo do tempo, os traços de Félix foram ganhando um grande número de admiradores. Com isso, a participação em mostras individuais e coletivas foi sendo cada vez mais frequente. “Tenho muito prazer em estar

nesses eventos. Participo, sempre que possível, do Salão de Abril e do Salão Nacional do Ceará”, diz. Entre as mostras coletivas está “Estrelas do Norte”, ocorrida em 2009, no Sobrado Dr. José Lourenço, na capital cearense.

Com a curadoria de José Guedes, em 2017, aconteceu a exposição “Tarcisio Félix - 50 anos de pintura”, que marcou os 50 anos de sua pintura hiper-realista. A mostra, realizada na Casa D’Alva, em Fortaleza, contou com a





“

COM A CURADORIA DE JOSÉ GUEDES, EM 2017, ACONTECEU A EXPOSIÇÃO “TARCISIO FÉLIX - 50 ANOS DE PINTURA”, QUE MARCOU OS 50 ANOS DE SUA PINTURA HIPER-REALISTA.

”

exposição de 40 obras, sempre com temas que remetem às origens do artista, tais quais: infância no sertão, agricultores, vaqueiros e jangadeiros. “Guedes sempre foi um grande amigo, sempre acreditou no meu trabalho, na minha dedicação”, conta. Além das exposições, o conhecimento artístico de Tarcisio também permitiu que trabalhasse no Centro de Artes Visuais Raimundo Cela e na Secretaria da Cultura do Estado do Ceará.

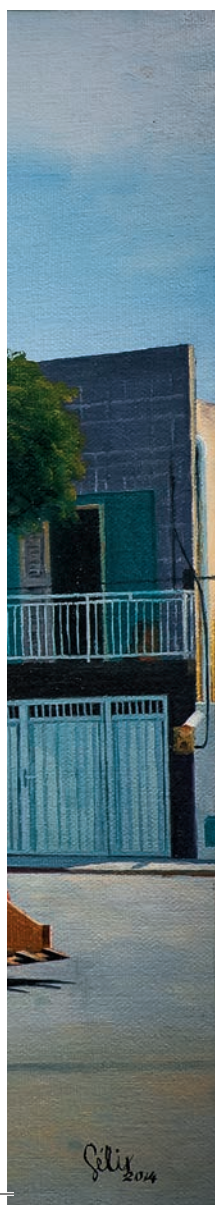
Nesses 50 anos de total dedicação à arte, um dos diferenciais de Félix é a capacidade

de passear por várias escolas artísticas, sem, entretanto, se prender a nenhuma delas. Ele é o que podemos definir como artista de múltiplas vertentes. O figurativismo, estilo artístico das artes visuais pautado na representação das formas, é, contudo, o mais comumente visto em suas telas. Ao comparar o mercado atual de arte e o cenário do início de sua carreira, afirma: “É preciso ter coragem. Ser artista hoje é um pouco mais fácil. São vários os eventos em que você pode mostrar sua arte. No meu tempo, isso era bem mais complicado”.

Sobre os projetos futuros, Félix diz que são vários os convites para que resida até mesmo em outros países. Conforme diz, no entanto, o intuito é continuar pintando no Ceará, próximo da família.



MAIS SOBRE O ARTISTA



WILSON NETO

“NASCI PARA FAZER ARTE E NÃO TENHO NENHUM PLANO B”



Caminhar pelo ateliê de Wilson Neto, local carinhosamente apelidado por ele de PortAmarela, localizado na Cidade 2000, em Fortaleza, é se deleitar com obras vivas e de muita sensibilidade.

De sorriso fácil, grande inteligência e humor contagiante, Wilson é dessas pessoas que falam com orgulho de sua história. Natural de Fortaleza, ainda bem pequeno mudou-se com a família para a região norte cearense. “Meu avô era xilogravurista, já o pai da minha avó era escultor, ou seja, nasci entre pessoas que tinham amor pela cultura visual popular”, conta.

Quadros de artistas como Leonilson e Chico da Silva eram sempre vistos durante as visitas à casa de sua avó paterna. E isso aconteceu durante toda sua infância e adolescência. “Descobri esses artistas de forma natural,



“

ALÉM DE PRODUTOS EXCELENTE QUALIDADE, COMO BONS MATERIAIS E OS MELHORES PIGMENTOS DO MERCADO, APRENDI QUE TAMBÉM POSSO PRODUZIR COISAS MARAVILHOSAS USANDO GIZ DE CERA E LÁPIS DE COR.

”

comecei a observar seus trabalhos bem cedo e me encantei”, revela. Com apenas 15 anos, o então artista autodidata já possuía uma quantidade enorme de telas prontas. Nessa época, foi convidado pelo então Secretário de Cultura Clodoveu Arruda para realizar uma exposição. Sucesso de público e crítica, logo percebeu que estava no caminho certo.

Em 2015, a jovem galeria Contemporarte convida Wilson para sua primeira mostra individual em um espaço ousado e contemporâneo. Ele reimprimiu vários tecidos que repintou em um processo de camadas e sobreposições. Sucesso de crítica e com curadoria de Luciana Eloy, essa derradeira exposição abriu uma nova investigação artística sobre memória, iconografia familiar e temas recorrentes da obra de Wilson: tecidos e pigmentos. No ano seguinte, o artista ativa



diversos grupos de criação e experimentação em seu ateliê. Sempre primando pela criação coletiva, passou a produzir gravuras e cerâmicas, juntamente com o grupo cearense de artes plásticas Oicos. Em paralelo, iniciou a pesquisa sobre a memória na arte, culminando em uma exposição coletiva na Galeria Multiarte.

Mais uma vez, com o Grupo Oicos, desenvolveu, em 2017, uma exposição, que nasce em São

Paulo e que migra técnicas, ateliês e saberes. Com esse trabalho, Oicos passou a ser o primeiro coletivo cearense a expor na capital paulista. No ano seguinte, a mostra migra para Brasília, Sobral e Fortaleza. “Em 2018, com a série Frenofilia, minha pesquisa sobre a memória desemboca em cadernos, livros de artistas, bordados, telas e cerâmicas. Um interesse simbólico em cabeças e suas mutantes interpretações”,

ressalta. Ao mesmo tempo, tem a oportunidade de realizar a exposição individual “A Pintura como Paisagem”, na Galeria Mariana Furlani. “Nesse trabalho, expus outro diálogo com a história da pintura, a paisagem, suas abstrações orgânicas e o interesse de pintores, em toda a civilização, em apreender a paisagem por meio de pinceladas e desenhos”, assevera.

O ano de 2019 é, sem dúvidas, um dos mais importantes na

carreira de Wilson, uma vez que é convidado para duas importantes residências. A primeira na Macedônia do Norte, com apoio da Embaixada da Macedônia e do Governo do Estado do Ceará. O feito marca, historicamente, a primeira presença de um artista sul-americano trabalhando com arte na cidade de Bitola. “Por meio dessa experiência, desenvolvi, durante os anos de 2019 e 2020, uma série, ainda inédita, com meu companheiro de via-

gem, o artista Daniel Chastinet, sobre as impressões e registros de Balcãs”, orgulha-se. Em seguida, é convidado, pela segunda vez, pelo grupo alemão Ponte Cultura para expor e trabalhar na Amazônia. “Abordamos a cultura quilombola, as tradições do norte e a arte cabocla. A exposição ‘Territórios’ chama atenção pela interação extraterritorial e cultural de artistas brasileiros, alemães, etc.”, afirma. Wilson ainda tem muito a nos surpreender!



“ DE RECONHECIMENTO NACIONAL E INTERNACIONAL, WILSON NETO JÁ REALIZOU INÚMERAS EXPOSIÇÕES E GANHOU DIVERSOS PRÊMIOS NA ÁREA DE CRIAÇÃO ARTÍSTICA. ”



MAIS SOBRE O ARTISTA



ōpera

ARTE CONTEMPORÂNEA

Novo endereço:
Rua Visconde de Mauá, 1515



CORBINIANO LINS

A ARTE INSPIRADA NO
COTIDIANO E A BELEZA NAS
COISAS SIMPLES DA VIDA

Alguns artistas se descobrem artistas por puro dom. Esse era o caso de Corbiniano Lins, pernambucano, nascido em Olinda, no ano de 1924. Escultor, desenhista, talhador, xilogravurista, serigrafista e pintor, realizou suas primeiras pinturas profissionais ainda na década de 1940.

O filho, Chico Lins, aponta que não existia nenhum tipo de artista na família. Por essa razão, o talento do pai foi sempre muito natural. “Ele era curioso e gostava de testar novos materiais em sua arte. Além de desenhar, pintar e esculpir, ele criava novos designs para móveis e também possuía trabalhos em bronze, arame, madeira e tapeçaria. Ele era um artista polivalente, gostava de se reinventar”, afirma. Em vida, Corbiniano era conhecido pelo sorriso fácil e jeito bem-humorado.

Inquieto e sempre adepto a novas formas de arte, mostrava sua criatividade quase sem limites com trabalhos em madeira, arame, tapeçaria, argila e bronze, mas



“

O ARTISTA SEMPRE GOSTOU DE SE INSPIRAR NO COTIDIANO, NA OBSERVAÇÃO DOS TIPOS HUMANOS, NAS PESSOAS EM SEU DIA A DIA E NA VISÃO DAS COISAS SIMPLES DA VIDA.

”



IRACEMA - ESCULTURA EM CONCRETO, 6,00 x 3,70 x 2,50 m, 1965.



MULHER RENDEIRA
ESCULTURA EM CONCRETO,
1,60 x 1,70 x 1,85 m, 1966.

teve na escultura em alumínio fundido, sendo inclusive um dos precursores no domínio dessa técnica no Brasil, sua principal característica até seus últimos dias de vida. Na escultura, era conhecido por usar isopor, metal e alumínio para confeccionar as peças. Chico Lins explica como ocorria o processo: “Ele fazia o desenho e esculpia o mesmo no isopor. Ele tinha suas facas preferidas para fazer isso, em sua maioria, facas comuns de cozinha. Após o isopor esculpido, passava pelo processo de fundição, tornando-se alumínio”.

Corbiniano sempre gostou de se inspirar no cotidiano, na observação dos tipos humanos, nas pessoas em seu dia a dia e na visão das coisas simples da vida para produzir suas peças. Em várias entrevistas, ele dizia que seu trabalho era uma grande homenagem às mulheres, prin-

cipalmente à sua mãe, que era negra e descendente de escravos. Sobre a escolha dos temas de seus trabalhos, Chico explica que, muitas vezes, eram propostos pelos clientes. “Ele criava os esboços para aprovação ou vinha de algo que ele tinha visto e tocado nele. Ou até mesmo de um sonho, como muitas vezes ele acordava na madrugada para desenhar. Era muito *feeling*, coisas de artista”, revela.

Além de ter feito parte do movimento de arte moderna do Recife, na década de 1950, o artista foi o fundador do Clube da Gravura da Sociedade de Arte Moderna do Recife (SAMR), movimento liderado por Abelardo da Hora, onde eram tratados assuntos sobre a valorização dos artistas da região. O talento de Corbiniano ultrapassou as barreiras do Recife e chegou a todo Brasil e a outros países. Sua



MONUMENTO DO VAQUEIRO - ESCULTURA EM CONCRETO,
5,80 x 3,20 x 1,35 m, 1965.



arte já foi exposta em galerias, museus, espaços culturais e salões de arte de São Paulo, Rio de Janeiro, Ceará e já passou pelos EUA, América Latina, Europa e Oriente Médio. “Ele era um artista muito criativo, reconhecido e premiado. Era quase que inevitável o despertar de interesse da crítica e dos admiradores de obras de arte”, orgulha-se o filho.

Sua carreira é tão destacada que possui um espaço com seu nome: a Galeria de Arte Corbiniano Lins, no Sesc Santo Amaro, em Pernambuco. Além disso, possui uma biografia, “Corbiniano Lins – um olhar sobre sua arte”, escrita por Weydson Barros Leal e já foi tema do documentário de longa-metragem “Corbiniano”, que representou Pernambuco na Mostra Doc Internacional do Cine PE: Festival do Audiovisual, em 2014, com direção do jornalista Cezar Maia. Corbiniano Lins faleceu em 2018, aos 94 anos.



MAIS SOBRE O ARTISTA



Cartório Elinalva Henrique
2º Ofício de Pacatuba-CE
R. Raimundo Siqueira, 1919 • Centro
Pacatuba-CE • CEP: 61.801-245
www.elinalvahenrique.com.br

☎ +55 (85) 99688.8194
☎ +55 (85) 3345.1218
📘 cartorioelinalvahenrique
📷 cartorioelinalvahenrique
✉ contato@elinalvahenrique.com.br

MATEUS MONTENEGRO

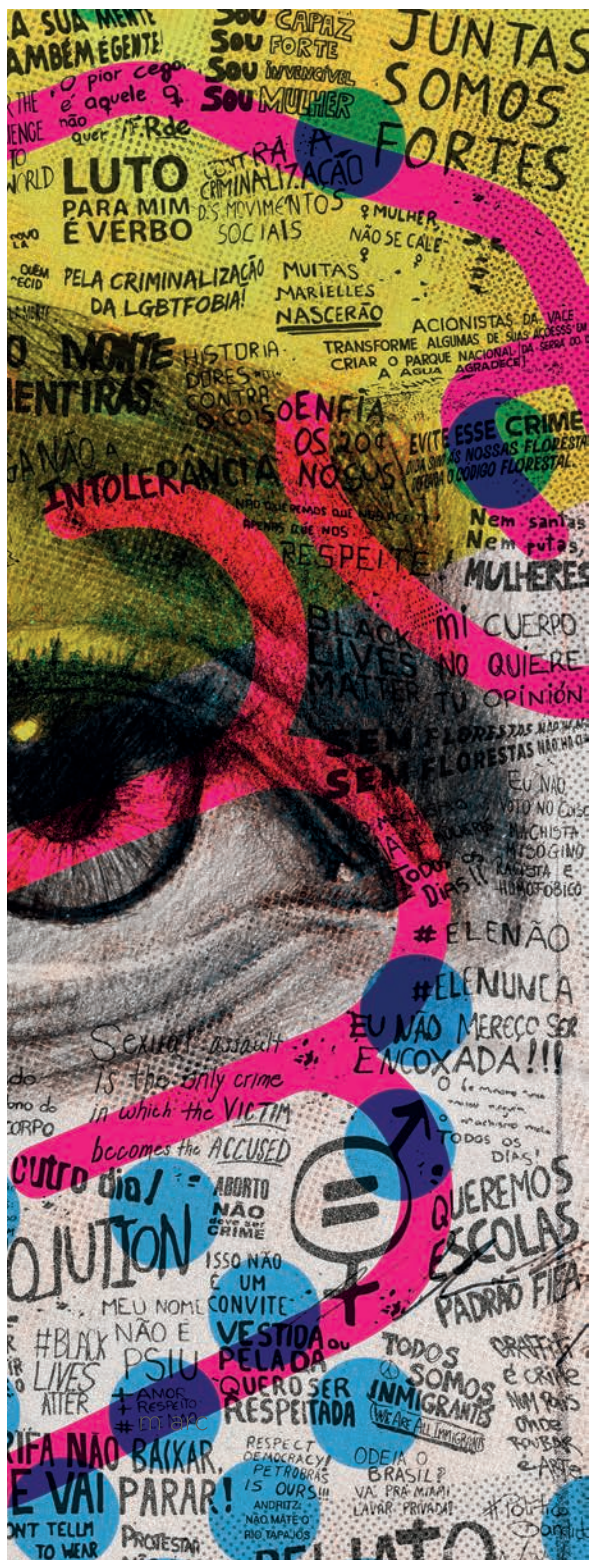
DESIGNER CEARENSE
ULTRAPASSANDO AS
BARREIRAS GEOGRÁFICAS



o ano de 2019 foi, certamente, um dos mais importantes e especiais para o designer cearense Mateus Montenegro, ao ter dois de seus trabalhos premiados no Worldwide Logo Design Award (WOLDA), festival internacional de design gráfico. Na categoria de Redesign, com a marca InterBrasil - Administradora de Benefícios de Fortaleza, ficou com a medalha de prata. Já com o logotipo criado para a marca da Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Turismo e Meio Ambiente (SETMA), de Jijoca de Jericoacoara, conquistou o prêmio máximo do festival, o “Best of Show”. Em 2020, ficou em segundo lugar no LAD - Latin American Design Award, com um cartaz criado para o Ceará Design Week do ano passado.

Apesar de todas essas vitórias na carreira, Mateus mantém



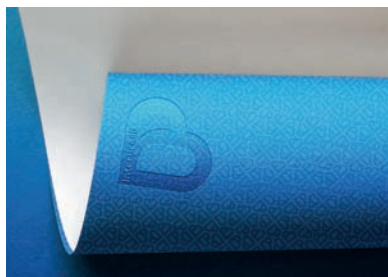


uma postura de muito trabalho e “pé no chão”, quando é chamado de ‘campeão’ ou quando o assunto são prêmios internacionais de destaque. “Obrigado, mas não diria que sou campeão. Todas essas conquistas são reflexo de uma paixão pelo que faço e pelos clientes que confiam em mim. É uma parceria que sempre gera bons resultados, independente de ganhar prêmios ou não”, afirma.

Formado em Arquitetura e Urbanismo e tendo iniciado Engenharia Elétrica (não concluído), os dois cursos pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Mateus conta que seu primeiro contato com o mercado de design foi com a criação de vinhetas 3D para televisão. “Sempre tive uma paixão por desenhar, e o 3D foi a porta de entrada para o design gráfico. Quando fiz vestibular para Arquitetura, em 1999, já tinha bastante trabalho na área. Com o passar do tempo, percebi que a minha verdadeira paixão estava no design gráfico, em vez do 3D, então passei a focar mais na área”, conta. Ao concluir a graduação, ingressou no mercado publicitário de Fortaleza, trabalhando com direção de arte e design. Pouco tempo depois, foi aprovado no Mestrado em Design Gráfico e Editorial em Barcelona, na ELISAVA, e, em 2006, fixou residência na Espanha. “Nesse momento, a paixão se materializou de verdade, se tornou palpável”, diz.

“SEMPRE TIVE UMA PAIXÃO POR DESENHAR, E O 3D FOI A PORTA DE ENTRADA PARA O DESIGN GRÁFICO.”





“EU NUNCA CHEGUEI A TRABALHAR DIRETAMENTE EM UM ESTÚDIO DE DESIGN, SEMPRE FORAM AGÊNCIAS DE PUBLICIDADE, MAS A PAIXÃO PELO DESIGN SEMPRE ESTEVE ALI AO PÉ DA ORELHA.”

InteBrasil
ADMINISTRADORA DE BENEFÍCIOS

Mestrado na Espanha

Sobre os quatro anos em Barcelona, Mateus afirma terem sido fundamentais para seu crescimento profissional e pessoal. “Primeiro, temos uma cidade fenomenal, com uma estrutura urbana fantástica. Aqui, estamos tão acostumados ao enclausuramento das casas com seus muros altos, cada um com o seu jardim particular, ou compartilhado em prédios, que nos isolamos do externo, do urbano. Em Barcelona, a minha sensação era de que toda a cidade era meu jardim”, recorda.

Lá, teve a oportunidade de trabalhar com direção de arte, design, *motion graphics* e 3D.

Outra possibilidade foi a de viajar pela Europa e de conhecer as mais diversas culturas de forma rápida e sem grandes custos financeiros. Com o mestrado, além do enorme conhecimento, Montenegro aponta outra grande oportunidade: “as amizades que perduram até hoje. São amizades espalhadas por diversos países como Espanha, Portugal, México, Colômbia e Itália. Algumas são tão queridas que posso chamar de amigos-irmãos”.

Retorno ao Brasil

Logo que retornou ao Brasil, Mateus foi morar em São Paulo e trabalhou em grandes agências de

publicidade. De início, em agências do setor de healthcare, mais ligado à indústria farmacêutica. Posteriormente, optou por focar em agências mais gerais. “Para isso, escolhi fazer um curso na Miami Ad School, de São Paulo. O curso foi fenomenal, me trouxe uma percepção da criatividade bem diferente e focada na repetição, no exercício contínuo de busca de novas soluções para o mesmo problema. Com isso, consegui entrar em uma das 30 maiores agências do país, com clientes e veiculação a nível nacional”, assevera.

De volta a Fortaleza, Mateus conta que teve dificuldade para

recolocação no mercado. Dessa forma, começou a realizar algumas atividades de design, o que, em pouco tempo, trouxe satisfação e algum retorno financeiro. “Reascendeu aquela antiga paixão. Foi aí que percebi e optei pela prioridade ao design. Ainda faço trabalhos de direção de arte para algumas agências, mas tento focar mais em fazer a gestão da arte com os outros diretores de arte e assistentes, como um *Head of Art* e direção criativa”, revela.

Processo de criação

De acordo com Mateus, todo processo começa com uma

conversa com o cliente. A partir desse estudo, inicia-se uma pesquisa profunda de imagens em geral, desde estilos, cores, fotos, tipografias e desenhos que possam, de alguma forma, se alinhar com o que o cliente deseja. O resultado dessa pesquisa é um *moodboard*, que representa a marca e a empresa. A partir dessa base criativa, ela começa a desenhar. “No processo de desenho, várias ideias vão surgindo. Algumas boas, outras nem tanto. Com o refinamento, percebo que, geralmente, uma se encaixa perfeitamente com a conversa com o cliente e o moodboard, e, a partir dessa

escolha, começo o processo de apresentação do produto final. Tudo o que foi conversado, pesquisado e descoberto entra na apresentação, desde detalhes da conversa inicial ao moodboard”, ressalta. Além de um profundo conhecimento do setor de design, a grande diferença de Mateus é a sua forma de encarar tanto o mercado como a vida. Para ele, vaidade é algo que não faz parte do seu dia a dia. E talvez por isso, as conquistas, tais como a participação na criação da Associação Ceará Design, que une todas as áreas do design em uma única ideia, sejam cada vez mais observadas.



MAIS SOBRE O ARTISTA

ARTE POPULAR

POR LUCIANA ELOY
CURADORA E PESQUISADORA EM ARTE

que a arte popular nos diz hoje? O que é capaz de despertar? Estamos vivenciando um “revival” desse fazer artístico que continua a proliferar formas e imagens fantásticas.

Nos últimos anos, a cultura popular, seus objetos e imagens vêm despertando o desejo da sociedade contemporânea. Um ciclo que se atualiza, visto que no passado tivemos outros tempos de valorização do regional e do popular. Nos anos 60, a arquitetura e o design aproximaram moderno e vernacular, valorizando projetos com fibras e materiais naturais, tendência que ganhou força na década de 70 com o movimento hippie e seus naturalismos, onde um estilo mais alternativo de vida valorizou o artesanal. Nessa época, a arquiteta e designer Lina Bo Bardi introduzia a arte do povo brasileiro no acervo do MASP, com a mesma ênfase dada à arte da tradição euro

LUGAR ONDE
BROTAM
ESSÊNCIAS
E RENOVAÇÕES

MATEU E CATIRINA, DE ARNALDO
FOTO ACERVO POPULAR ARTE BRASIL





CASA DE MILAGRES DE JUAZEIRO DO NORTE FOTO ACERVO POPULAR ARTE BRASIL

Janete Costa, arquiteta pioneira do Design de interiores, nos anos 90, introduzia na casa brasileira a arte popular lado a lado ao design moderno, sem hierarquias, fortalecendo o artesão e seu núcleo regional.

Em pleno século XXI algo aconteceu! Voltamos a povoar nosso cotidiano com artefatos feitos à mão, ao mesmo tempo em que somos *cyber* e digitalmente orientados. O fato é que o desejo contemporâneo mudou. Talvez estimulado pelas tendências da cultura *slow*, ecologia e sustentabilidade ou simplesmente abrindo espaço para um estilo de vida inspirado

em valores e sentidos que fazem aflorar nosso ser mais original e afetivo.

Valores e sentidos que na arte popular encontramos como essências refletindo memória, raiz e tradição. **Memória** traz, em si, saberes e significados de toda uma cadeia ancestral, transmitidos por gerações, onde pessoas assimilam e repassam ensinamentos, enraizando vínculos de pertencimento e afetos. É comum ouvir do artista como seu trabalho faz sentido e produz sua própria realidade. Essa memória ancestral e cultural se atualiza a cada novo ser, cada nova produção. Uma escultura

de um calango pode ser repetida centenas de vezes, mas será sempre um novo calango, em um novo tronco, com relevos e ângulos diferentes. Assim age a memória na dinâmica de manter e incorporar novos sentidos.

Raiz, um valor que se confunde com “origem”. A arte popular fala desse passado familiar e distante que aflora quando um objeto nos arrebatava. Numa visita a Quixadá, na fazenda *Não me Deixes*, da escritora Rachel de Queiroz, experimentei esse arrebato. Toda a casa falava por afetos e raízes, como matrizes das minhas memórias de infância no sertão. Nenhum objeto foi tão



MESTRA MARIA DE LOURDES CÂNDIDO – BATENDO FEIJÃO
ACERVO POPULAR ARTE BRASIL

forte quanto os enormes potes de barro seculares que até hoje resistem como Rachel os deixou na cozinha. O pote de barro na casa de Rachel imediatamente me levou a uma experiência de infância, onde me vi pequenina diante do gigante tentando tirar água do pote, um objeto-raiz, cuja imagem reavivou sensações e lembranças.

Tradição é a força que mantém vivos os saberes e a estética de uma cultura, perpetuando imagens e significados. A arte popular se alimenta do cotidiano e do imaginário do povo, repertórios que o artista modela, transformando tipologias da terra em formas de arte: xilogravuras, folhetos

de cordel, ex-votos, figuras em barro ou madeira e artefatos em couro. Assim, a tradição vai se eternizando na insistência, pois é uma eterna luta entre manutenção e resgate, onde os mais velhos ensinam aos mais jovens o valor de perpetuar origens.

Aonde há tradição, também há renovação. Alguns núcleos de arte popular são verdadeiros berçários do novo. Um deles é o Cariri cearense, terra onde arte, fé e cultura se entrelaçam realizando a máxima do Padre Cícero: “Em cada sala, um altar; em cada quintal, uma oficina”. Força presente na Associação Mestre Noza, em Juazeiro do Norte, fundada por artesãos,



ASSOCIAÇÃO MESTRE NOZA,
JUAZEIRO DO NORTE
ACERVO POPULAR ARTE BRASIL

aonde madeira e barro ganham vida nas mãos de mulheres e homens impregnados da fervilhante cultura local, recriando santos, personagens do povo, velhas de caras marcadas e bichos fantásticos que saltam dos cordéis ou da vida, virando uma arte de estética rara e estimulante.

No Cariri cearense, o religioso e o profano, o real e a fantasia se manifestam no fenômeno da fé e na arte do povo. Tudo ferve e se funde nesse terreiro cultural de alianças fecundas, fonte inesgotável de mestres e aprendizes. Herdeiros da xilogravura de Mestre Noza, artista seminal que influenciou grandes mestres, como Manuel Graciano,

Nino, Diomar das velhas e seus discípulos que hoje são os produtores vivos dessa cultura. Na tipologia do barro, uma mulher se destaca: a mestra Maria de Lourdes Cândido, figureira que originou os famosos “temas” que unificam pintura e escultura, onde ela modela e pinta cenas da vida e cultura popular. Suas peças são valorizadas em acervos de grandes museus da cultura brasileira.

A arte em sua multiplicidade faz parte da minha trajetória de pesquisadora e curadora. Há alguns anos, eu e minha família pegamos a estrada e percorremos mais de 20 mil km, conhecendo artistas e seus núcleos de produção. Dessa aventura cultural nasceu a plataforma

www.popularartebrasil.com.br, um canal de vendas online da produção de arte popular do Nordeste, onde apresentamos uma curadoria de peças pinçadas pelo valor cultural que carregam, reconhecendo a força da estética de cada artista biografado no site, além de ser um blog com narrativas e imagens da cultura popular. Acreditamos que essas peças contam histórias e têm muito a revelar, mostrando que a força dessa criação está na postura diante da vida, das privações, e na abundância de um olhar que enxerga poesia e beleza no simples da vida. A arte popular é esse lugar de floração, onde brotam essências e nascem renovações.



CALANGOS DE ANTÔNIO DO NASCIMENTO
FOTO LAÍS PONTES

FAZENDA “NÃO ME DEIXES”
FOTO ACERVO POPULAR ARTE BRASIL



RICARDO BISIO

RICARDO BISIO

UM TRIÂNGULO
URBANO E UM BAÚ.

Ricardo Bisio descreveu sua vida pelas aquarelas, mostrando a influência das cidades de São Paulo, Fortaleza e Veneza, e seu refúgio de obras: um velho baú.

Na exposição Aquarelas (MAUC), Ricardo passeia pelos espaços urbanos importantes em sua trajetória. Os trabalhos de Bisio eram mantidos, até o momento, na segurança de um velho baú.

Ao contar como foi seu início artístico, logo cedo, percebeu sua habilidade com lápis e papel na mão, reproduzindo cenas, objetos e o corpo humano. "...era a época áurea da feira da Praça da República, em São Paulo", relembra o artista. Na época, praticava desenho sem pretensões, puro deleite. No início dos anos 70, surge nas bancas os fascículos da coleção "Gênios da Pintura", pela editora Abril, onde Ricardo aprendeu muito do que sabe sobre pintura. Durante anos, o desenho sobre papel seguiu



sem projetos. Era o puro prazer do traço construindo imagens. “Minha dedicação ao desenho sobre papel sempre foi uma satisfação pessoal”, afirma o aquarelista. A forma como a arte se comunicou com o artista foi por meio dos acontecimentos de sua vida.

“São Paulo, com sua história, é o local onde nasci. Trabalhando desde os 14 anos no coração do

Centro Histórico de São Paulo, ao longo de quase 4 anos, não me cansava de apreciar seus prédios, suas ruas, suas lojas, suas sombras”, lembra Bisio. O dom, logo no início, foi marcado pela apreciação de sua cidade natal. Essa ligação com sua cidade de origem está expressa em sua mais nova exposição.

O acolhimento veio no Ceará. Em outra face da exposição está Fortaleza, que recebeu o artista de braços abertos e deu a ele raízes, além de uma linda família. Foi depois de um tratamento de saúde que a arte se expressou para oficializar ainda mais o lado artístico de Ricardo. “Há 11 anos atrás, passei por um tratamento de saúde que durou alguns meses e que ensejou reflexões, inclusive sobre a arte, e decidi, pelas vantagens e praticidade, trabalhar com aquarela. Rapidamente as cores e a delicadeza do material, aliadas ao desenho, me absorveram”, lembra.

São Paulo mostrou o caminho. Fortaleza deu base, carinho e acolhimento, mas foi Veneza, com toda sua beleza, que consolidou seu amor artístico. “Ao descer do táxi que me levou do aeroporto a Veneza, olhei à minha volta e paralisei! Senti como abrindo um livro de contos! Os dias que se seguiram foram de puro êxtase e admiração!”, conta Ricardo. Seguindo sua trajetória, o triân-

gulo estava completo. Veneza emprestou ao artista toda sua beleza erguida por artistas e arquitetos que, pacientemente, atingiram os limites de seus talentos, na época.

Com toda sua vida caminhando junto com sua perspectiva artística, pouco ocorreu na cabeça do artista de expor seu trabalho. Mas sua produção não diminuiu: “Os trabalhos foram se acumulando à medida que aumentei a produção, mas sempre contei com o refúgio seguro do velho baú”. A naturalidade de produzir belas obras fez com que Ricardo guardasse todas, para proteção de seu frágil material, o papel.

“Há algum tempo, a ideia da exposição começou a surgir com o incentivo da minha esposa Larissa e da amiga e artista plástica Thereza Frezza. Mais recentemente, a querida Lilia Quinderé sugeriu procurar o MAUC, onde fui recebido amavelmente pela diretora Graciele Siqueira. Em seguida, foi tudo muito rápido! De repente, lá estavam os convidados sendo apresentados às aquarelas, por tanto tempo adormecidas. Foi gratificante!” - conta o aquarelista. A exposição se baseou na visão do artista pelas cidades que lhe inspiraram ao longo de sua vida. Inspiração que gerou a produção de um material magnífico. As influências de Ricardo abrangem uma variedade



ALMAS DO VALE - 2013



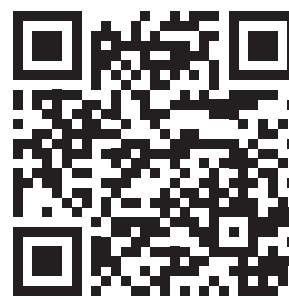
VENEZA V - 2018.



FORTALEZA - 2019.

de artistas, como Sergio Ferro, o impressionista Alfred Sisley, os aquarelistas Thierry Duval e Paul Wang, mestres como Edward Hooper e Norman Rockwell.

Atualmente, o pensamento de Ricardo mudou. A vontade de expor novamente está mais clara, “sem ansiedades”, enfatiza o pintor. A naturalidade da produção e a leveza de suas obras mostram o método como o artista trabalha. Em contrapartida, a busca de novas formas de expressão já é uma certeza: “Tenho me ocupado com pinturas em tinta acrílica sobre painel de madeira. É um trabalho que toma tempo e precisará ser organizado dentro de algum projeto, coisa para 2021”, finaliza Ricardo. O aquarelista trocou o “velho e bom baú” por paredes dentro de exposições, mostrando o trabalho paciente e delicado de uma história de vida.



MAIS SOBRE O ARTISTA



GALERIA MONDRIAN

Rua Dona Leopoldina, 782 . Centro
Fortaleza, Ceará

(85) 2180 .4906 / 99114 .4114

 galeriamondrian





SÉRGIO HELLE

PIONEIRO NA MESCLA
DE FERRAMENTAS
DIGITAIS E TÉCNICAS
TRADICIONAIS

— Já 32 anos, o cearense Sérgio Helle, nascido no Crato, cidade localizada ao sul do estado, vem mesclando ferramentas digitais com técnicas tradicionais de desenho e pintura em seu desenvolver artístico.

Apesar de não ter nenhuma influência de arte na família, ele ressalta que, desde os cinco anos de idade, já realizava desenhos. “Lembro da sensação de que eu podia criar o que quisesse, um misto de poder e independência. Eu tinha desenhado um Batman, copiado de uma revista em quadrinhos. Impressionante como essa lembrança me é clara”, recorda. Cinco anos depois, ao se mudar com a família para a capital, foi matriculado pela mãe em um curso com um



religioso que pintava imagens sacras para a Igreja Coração de Jesus.

Em seguida, estudou com Jane Sandes e, aos 16 anos de idade, teve a oportunidade de participar de sua primeira exposição, o Salão dos Novos. “Eu já tinha certeza de que a pintura faria parte da minha vida. Para suprir a falta de uma universidade de artes plásticas, fazia todos os cursos disponíveis que tivessem alguma referência com artes visuais: isso incluía serigrafia, desenho publicitário, pintura, história da arte, xilogravura, gravura em metal, oficinas

de papel artesanal e, até mesmo, cenografia e iluminação de espetáculos teatrais”, revela Sérgio. Pintura a óleo, acrílica e mista são apenas algumas das técnicas experienciadas por Helle ao longo da carreira. De início, pintou com óleo, depois acrílica e, logo em seguida, passou a acrescentar várias outras formas de trabalho. “Colava papéis artesanais, usava pigmentos, cola, lápis, pastéis, fotocópias. Cada vez mais materiais eram incorporados para chegar ao resultado que eu queria. Mas sempre tive a pintura como fio condutor da minha obra”, avalia.

Computador como ferramenta artística

Em meados da década de 1990, Sérgio estudou em Paris e foi lá que, pela primeira vez, viu um computador com imagens e ficou fascinado com as infinitas possibilidades daquela máquina. De volta ao Brasil, descobriu que uma amiga, Aléxia Brasil, também artista, trabalhava com computação gráfica. A primeira ideia era unir publicidade e design, algo que gostasse de fazer e que trouxesse um retorno financeiro. “O computador mudou radicalmente a publicidade e, pra mim, também trouxe



PARADISUS LXXIV - INFOGRAVURA SOBRE TELA - 80 X 76 CM.

“

SEMPRE QUE FAZIA UMA INDIVIDUAL, PENSAVA EM DEIXAR UM MATERIAL, UM REGISTRO. EU QUERIA ALGO MAIS TRABALHADO, MAIS RICO, QUE FIZESSE COM QUE AS PESSOAS GUARDASSEM. DAÍ SURTIU A IDEIA DOS QUATROS LIVROS QUE LANCEI.

”

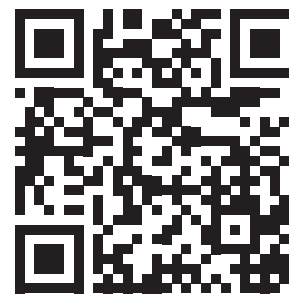
inúmeras possibilidades para as artes plásticas. Hoje, raramente faço um algo que não o tenha como uma de suas ferramentas de execução, nem que seja só para simular composição e cores antes de pintar”, diz. Pioneiro na junção de ferramentas digitais e técnicas tradicionais, Helle afirma que esse tipo de gravura foi se desenvolvendo com as novidades do setor. A cada nova possibilidade de impressão sobre materiais diferentes, fazia experiências e adaptava a tecnologia. “O resultado final são infogravuras em telas, geralmente de grandes formatos, e pinturas em técnica mista, previamente estruturadas no computador. Mesmo as infogravuras vejo como pintura, uma pintura reinventada neste complexo tecido de relações entre o tradicional e a tecnologia”, explica.

Premiações e experiências em outros países

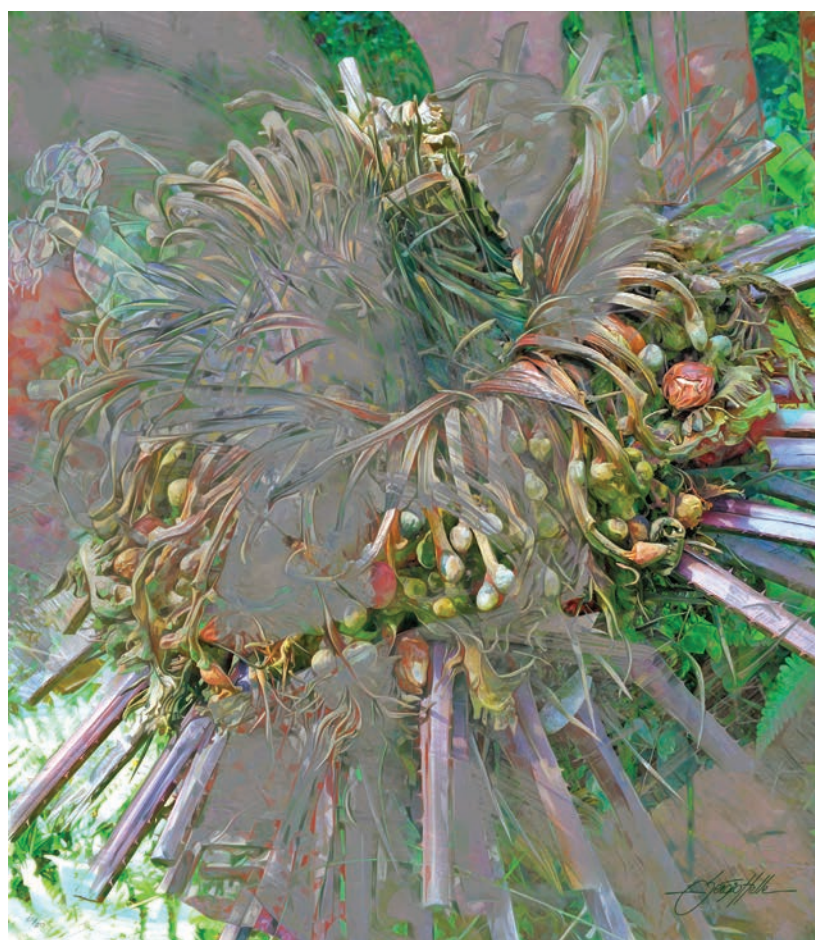
Em 2001, com a gravura Paixão, o artista ganhou o Prêmio Gravura do Salão de Abril. “Fiz ‘Abraço de Cinema’, uma individual somente com infogravuras, no Centro Dragão do Mar. Essa exposição veio fechar um ciclo, começado em 1988 com a primeira individual ‘Abraços’, onde eu também tinha como referência abraços de filmes. Foi uma mostra muito especial: com o seu principal trabalho, ganhei o prêmio de gravura do Salão de Abril e fui convidado a participar

da III Bienal do Mercosul, realizada em Porto Alegre e, depois de alguns meses, remontada em Brasília”, conta. Além disso, realizou exposições em várias cidades do Brasil e já foi chamado para expor e falar sobre a sua arte em países como Portugal e Itália. Por fim, Helle faz uma homenagem a Bia Perlingeiro, uma das mais importantes galeristas do Brasil, falecida no dia 4 de abril. “Bia Perlingeiro movimentava a cena artística da cidade, apoiava e incentivava vários artistas. A cidade ficou órfã, mas tenho

certeza de que sua breve, mas marcante passagem, deixou frutos que serão colhidos por muitos anos”, emociona-se.



MAIS SOBRE O ARTISTA



PARADISUS XL - INFOGRAVURA SOBRE TELA - 160 X 140 CM.



WWW.MASOTTIFORTALEZA.COM.BR

 @MASOTTIFORTALEZA



MASOTTI
MÓVEIS + DESIGN



LINCOLN MACHADO

PINTURA E COLEÇÃO:
A ARTE EM SUAS VÁRIAS NUANCES

15/04/2020

A arte tem vários significados e definições. Para o empresário cearense Lincoln Machado, arte é tudo aquilo que tem sua origem na mente humana. “Toda arte é precedida de um pensamento ou de um sonho. Isto se aplica a todas as artes, quer plásticas ou não”, afirma.

Apesar de reconhecido como colecionador, Lincoln teve seu primeiro contato com a pintura ainda cedo, aos 14 anos de idade. Na época, frequentava aulas de pintura no Colégio Santo Inácio e visitava bastante a Casa Raimundo Cela, centro de artes visuais, em Fortaleza. “Fiz contato com vários artistas plásticos, inclusive com Heloísa Juaçaba que, na época, era a gestora”, recorda.

Assim como alguns artistas plásticos, Machado não cursou belas artes. Entretanto, seu talento foi surgindo de forma bas-

tante natural. Provas disso são as várias exposições das quais já participou: Salão de Abril e Unifor Plástica são apenas algumas das mais importantes. Mostras realizadas no Colégio São João, Clube Náutico Atlético Cearense e Ideal Clube também contaram com obras do artista. “No Ideal, tive minha apresentação proferida por Manoel Eduardo P. Campos (Manelito Eduardo), chefe dos Diários Associados no Ceará. Depois, cheguei a expor no Salão de Abril como convidado, junto com o Roberto Galvão”, assevera.

Chico da Silva, um dos mais notáveis artistas cearenses, considerado o pintor primitivista mais importante do Brasil, tendo recebido Menção Honrosa da Bienal de Veneza, foi um dos grandes amigos de Lincoln. As conversas, sempre prazerosas e cheias de boas histórias, aconteciam na casa da Avenida Heráclito





ACERVO PESSOAL - FOTO: LILIA SILVEIRA.

Graça ou no escritório de Machado. Nomes como: Barrica, J. Fernandes, Zé Pinto, Claudio César, Chico da Silva e Sigberto também fizeram parte do seu ciclo de amizade. “Atualmente, mantenho contato com Roberto Galvão, Descartes Gadelha, Vando Figueiredo, Mano Alencar e Fernando França. Existem outros tantos, todos muito importantes para a minha trajetória”, revela.

Ao analisar o atual cenário artístico cearense, em que novos nomes passam a ganhar visibilidade e reconhecimento, Lincoln faz uma reflexão: “acho que o momento atual é de uma reestruturação de conceitos em todos os setores das artes visuais. O que, até o momento, era considerado arte ou artístico, está sendo revisto por parte da crítica e do gosto das pessoas”. Quando o assunto é a atual arte brasileira, Machado afirma que o mercado artístico está em ritmo

“A EXPOSIÇÃO
“CHICO DA SILVA - O
RENASCER 100 ANOS”
CONTOU COM 20
PEÇAS DO ACERVO
DO EMPRESÁRIO
CEARENSE
LINCOLN MACHADO.”



ACERVO PESSOAL - FOTO: LILIA SILVEIRA.

“

ACHO QUE O MOMENTO ATUAL É DE UMA REESTRUTURAÇÃO DE CONCEITOS EM TODOS OS SETORES DAS ARTES VISUAIS. O QUE, ATÉ O MOMENTO, ERA CONSIDERADO ARTE OU ARTÍSTICO, ESTÁ SENDO REVISTO.

”

acelerado de valorização. Entretanto, faz uma observação: “em muitos casos, o artista brasileiro tem que ser reconhecido fora do Brasil para, então, ser recebido com seu devido valor. Esse antigo conceito deve ser analisado pela nova reestruturação das análises da crítica e do público em geral”. Com relação a ser considerado um colecionador, Lincoln conta que isso surgiu no momento em que começou a pintar. “Ainda hoje, continuo com tal instinto. Acho que só acaba quando morremos”. E brinca: “talvez, seja como torcedor do Clube Flamengo - uma vez Flamengo, Flamengo até morrer”.

ESTAR URBANO

ATELIÊ DE ARQUITETURA
E URBANISMO

TECNOLOGIAS
SOCIOAMBIENTAIS
PROMOVENDO
CRIATIVIDADE
E BEM-ESTAR

Experimentar outros caminhos, com propósito de dar liberdade à criatividade e valorizar a nossa cultura e consumo consciente, sem necessariamente se contrapor a um mercado. Esta, certamente, foi a maior sintonia entre as arquitetas Laura Rios e Liana Feingold, que estão à frente do Estar Urbano – ateliê de arquitetura e urbanismo, criado em 2009, na capital cearense, e que conta, atualmente, com cinco profissionais e colaboradores, mas, também, com redes de apoio e parceiros convidados para trabalhos específicos que exigem multidisciplinaridade.

Antes de montarem o negócio, ambas, que cursaram juntas a graduação e a pós-graduação, já possuíam experiência em montar outros escritórios, elaborando projetos de arquitetura e ambientação no mercado tradicional. “Viemos com experiências e percepções particulares sobre a atuação do arquiteto no mercado, sempre ditadas por fortes tendências externas do design”, afirma Liana.

Apostando na sustentabilidade, o Estar Urbano procura, a cada novo projeto, valorizar tecnologias socioambientais, promovendo, de forma criativa, afetiva e acessível, o bem-estar cotidiano das pessoas. De acordo com as profissionais, é fundamental compreender que a sustentabilidade é universal e pode ser aplicada desde as tecnologias construtivas do projeto, até a forma em que o cliente se relaciona com o espaço e o lugar em que se insere. Além disso, as diferenças de resultados de um projeto sustentável vão além do visível, do tátil. “Às vezes, a edificação em si traduz só uma parte do nosso trabalho e contém soluções bem simples. Hoje, agregamos aos nossos projetos uma etapa de Mensuração de Impacto Socioambiental em espaços urbanos, trabalho



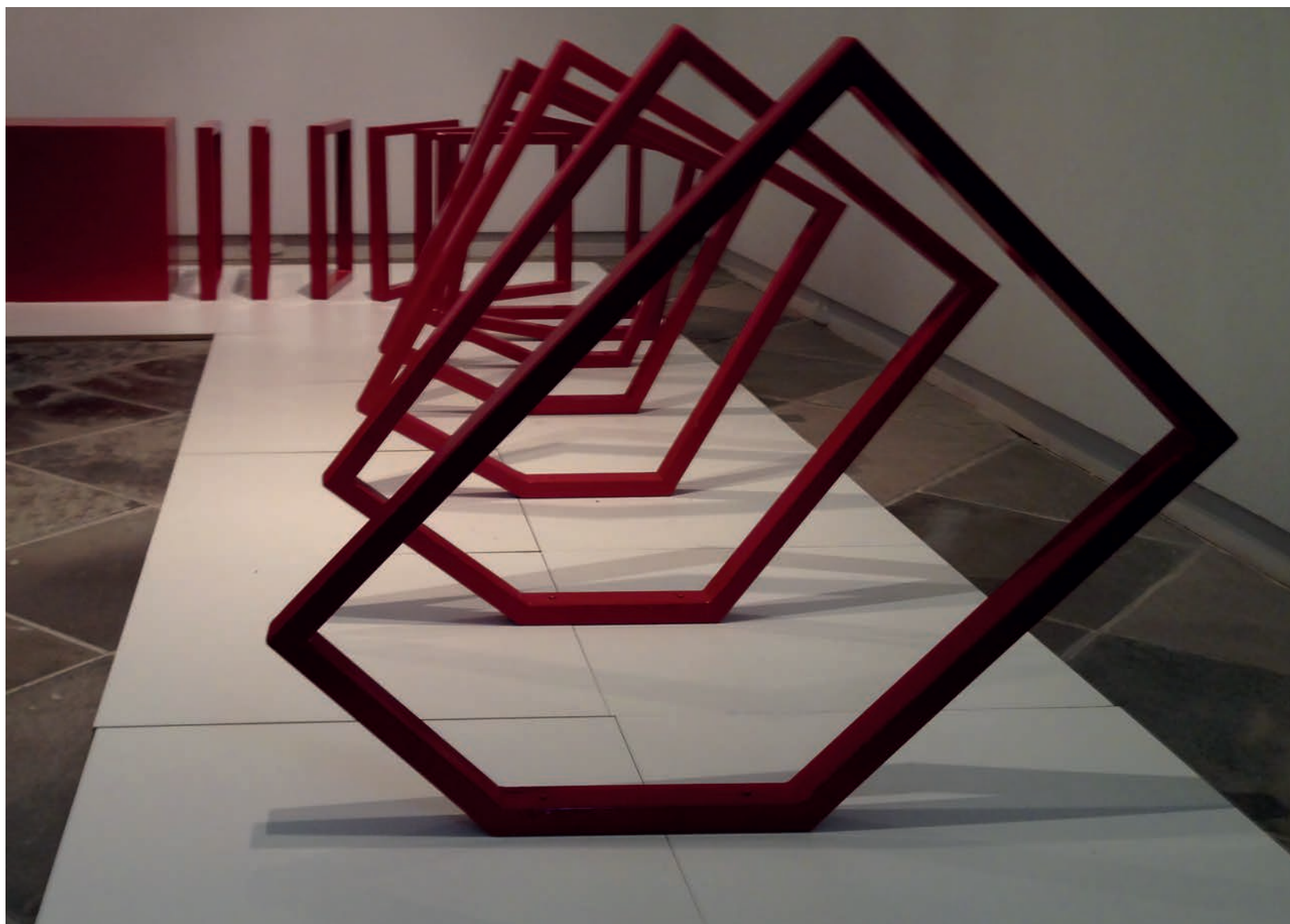
em parceria com a GBFOR, que é uma consultora em sustentabilidade. A mensuração nos dá a verdadeira dimensão dos resultados, do impacto gerado pela ação, e é uma resposta para nossos clientes e para a cidade”, ressalta Feingold.

Segmentos e projetos de expansão

Sentir, projetar, realizar e conectar. São esses os atributos que, conforme as arquitetas, garantem uma metodologia própria que se adequa a cada situação. Para elas, é essencial que os

projetos de arquitetura e urbanismo sejam traduzidos como ferramentas de transformação social, buscando o bem-estar do indivíduo e do coletivo. “Isso é o que nos conduz a trabalhar em todos os segmentos, uma vez que o nosso habitat envolve nossas

BANCO MOOVE





AMBIENTE LOUNGE CEARENSE - CASA COR CEARÁ 2011

casas, nosso lugar de trabalho e os espaços públicos da cidade. Também compreendendo que as relações humanas fazem parte desse universo, criamos o EU Educo, que promove workshops, cursos e vivências sob a nossa ótica e metodologia de trabalho”, pontua Liana. Atualmente, o Estar Urbano possui dois importantes projetos de expansão. O primeiro deles são as Vilas Sociais (FelizCidade), desenvolvido em parceria com o fundo de investimento social Somos Um e a C. Rolim Engenharia, e que busca atuar como solução para habitação de baixa renda e propulsão da economia local. O segundo é o EU Educo, com workshops, vivências e mentorias sobre acupuntura urbana e a arquitetura biofílica. Neste ano, graças às mudanças no mercado causadas pela pandemia, aceleramos um projeto de consultorias on-line e de vendas de projetos técnicos de mobiliários urbanos pelo nosso site, de forma bem simples e acessível”, explica Feingold.

Catálogo autoral de mobiliários urbanos

Sempre atentas às principais tendências, o escritório vem apostando, ainda, em um novo ramo de negócios: produção autoral de mobiliários urbanos. Liana revela que os produtos foram naturalmente desenvolvidos pela demanda de necessidades dos projetos. “Hoje, contamos com 28 mobiliários

urbanos desenvolvidos pelo Estar Urbano, entre parklets, paraciclos, bancos, abrigo para parada de ônibus, bike fix e brinquedos para praças. Vamos disponibilizar, inicialmente, seis mobiliários para download pelo site. Mas todos eles podem ser vistos no nosso catálogo on-line, no mesmo site. Dois de nossos mobiliários foram selecionados e expostos na Bienal Brasileira de Design, em Florianópolis”, afirma.

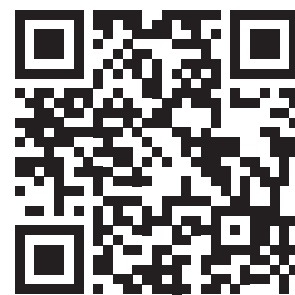
Premiações e planos futuros

Destaque quando o assunto são premiações e reconhecimento ao longo de todos esses anos, o Estar Urbano já recebeu oito premiações pela Casa Cor Ceará, em categorias de criatividade, sustentabilidade e valorização da arte cearense. O projeto Feliz Cidade, Vilas Sociais, selecionado e acelerado pela Artemisia, de São Paulo, também é um marco simbólico e extremamente relevante. “O projeto foi um dos trinta selecionados entre 367 inscritos do país inteiro e isso nos deixou muito felizes, principalmente porque é um projeto que vai além da arquitetura e do urbanismo e segue alinhado com os objetivos de desenvolvimento sustentável da ONU. É um projeto que traz questionamentos e soluções para a política de habitação, feito em parceria público-privada, e hoje faz parte de uma operação de desenvolvimento territorial e urbano em cooperação com a Onu Habitat”, assevera Liana.

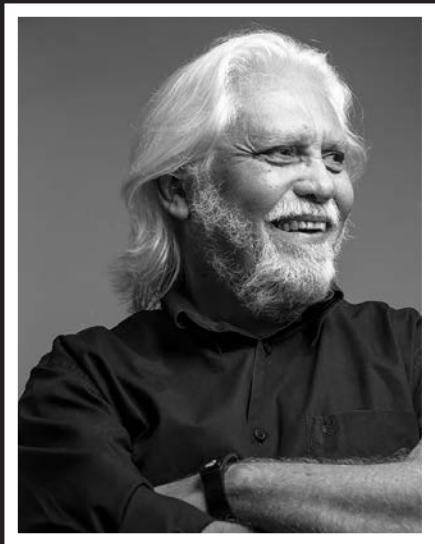


HORTA MANDALA

Sobre os planos para o futuro, a arquiteta nos adianta: “Para 2020, estaremos com nossa plataforma de serviços on-line a todo vapor. Assim como o EU Educo vai estar lançando os novos workshops, on-line e presenciais. Ainda esse ano, teremos na cidade dois projetos comerciais inovadores no conceito e nas tecnologias, que, a meu ver, sinalizam muito bem os novos tempos que estão por vir. Tudo se reinventa agora, é muito gratificante ser parte dessa reinvenção”.



MAIS SOBRE O ATELÊ



JOAQUIM CARTAXO

EXPLORANDO O VIGOR E AS
POSSIBILIDADES DA LINHA
NO DESENHO

Se alguém se descobre artista copiando história em quadrinhos, foi aí que me “artistei”. É assim, de forma bem-humorada, que Joaquim Cartaxo, Diretor-superintendente do Sebrae-CE, fala sobre seu início nas artes plásticas.

Nascido em Adão, localidade do município cearense de Crateús, é o mais velho de quatro irmãos. O pai, que trabalhava como mestre de obra de estrada de rodagem, costumava comprar revistas de história em quadrinhos e presentear o então garoto. “Eu pegava as revistas com aqueles desenhos fantásticos e as redesenhava do meu jeito. Acho que daí, nasceram e se desenvolveram minhas habilidades para o desenho, em especial, explorando o vigor e as possibilidades da linha, influência dos quadrinhos”, recorda. Autodidata, conta que, ao chegar em Fortaleza, no ano de 1963,

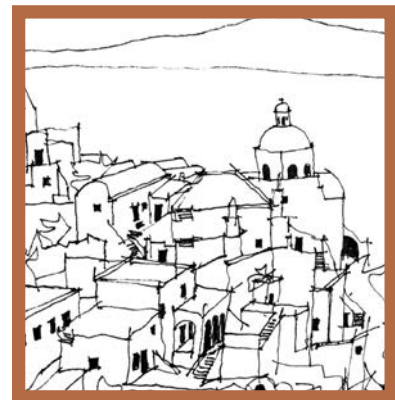




“

QUANDO COMECEI A LER E ESTUDAR SOBRE HISTÓRIA DA ARTE, PASSEI A GOSTAR DOS DESENHOS DO CEARENSE ANTÔNIO BANDEIRA, DA OBRA DO MIRÓ, DO PICASSO, DO KANDINSKY, PAUL KLEE.

”



então com nove anos, continuou redesenhando as histórias em quadrinho. “Acrescente-se a isso o cartunista Mino, que ilustrava ao vivo o noticioso noturno da TV Ceará com um desenho em que a linha predominava. Todo dia, eu esperava o jornal para ir desenhando com o Mino. Fiz um curso de cartunista, vamos dizer assim”, brinca.

Com o passar dos anos e as habilidades adquiridas para o

desenho, um novo desejo surgiu: ser artista plástico. No entanto, no momento de prestar vestibular, ainda não existia o curso de Artes Plásticas. Dessa forma, optou por Arquitetura e Urbanismo, na Universidade Federal do Ceará (UFC). “Ao longo do curso, adquiri disciplina, método de trabalho, formação técnica e cultural que fazem parte do processo criativo do projeto arquitetônico, do projeto

das cidades. As habilidades adquiridas de desenhar com a força da linha foram, assim, organizadas e contribuíram para meu desempenho como estudante e profissional da arquitetura”, assevera.

Além dos desenhos nos projetos arquitetônicos e urbanísticos, Joaquim continua, paralelamente, desenhando temas livres, em geral, em cadernos de desenho. “Gosto de

“

ESTOU CONTRIBUINDO NO SEBRAE PARA A DIFUSÃO E CONSOLIDAÇÃO DO TEMA DA ECONOMIA CRIATIVA, BUSCANDO ENVOLVER OS EMPREENDEDORES CULTURAIS COM SUAS DIVERSAS LINGUAGENS EM NEGÓCIOS CRIATIVOS E COLABORATIVOS.

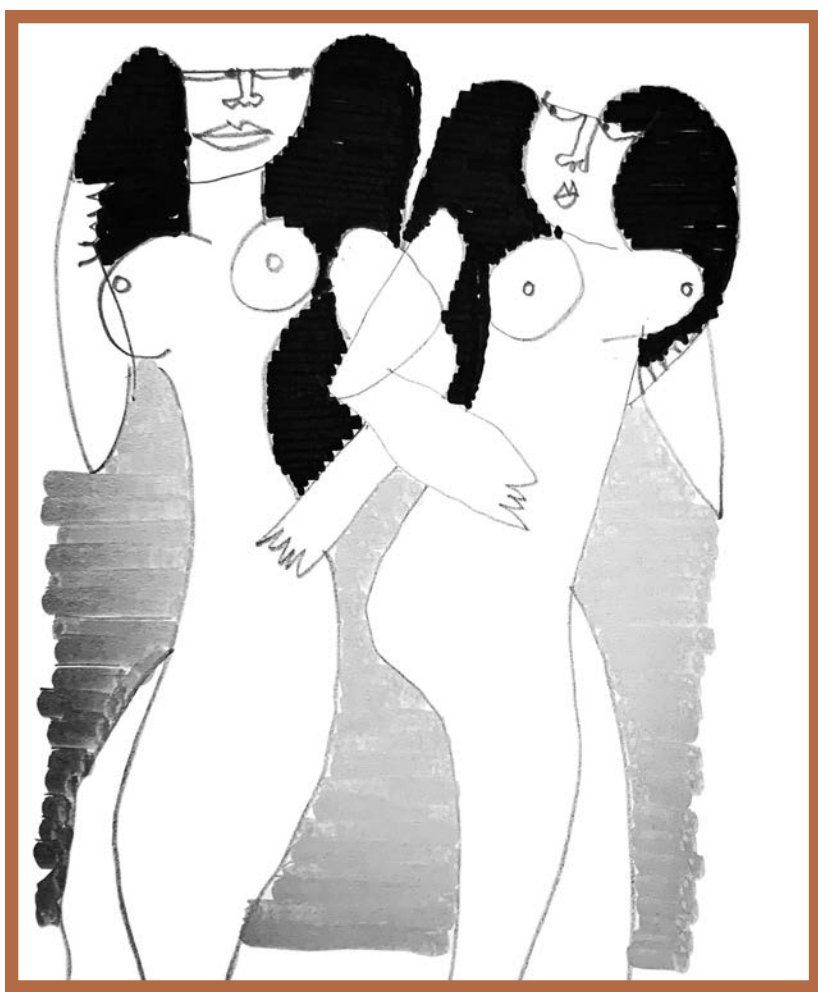
”

desenhar em reuniões quando as outras pessoas estão falando. É uma espécie de modo de me concentrar naquilo que elas expõem ou me desligar quando o assunto fica chato ou não me interessa. Acho melhor do que ficar no celular conversando pelas redes sociais”, afirma. Além dos quadrinhos, outra forte fonte de inspiração para os trabalhos de Cartaxo são os desenhos populares das xilogravuras que

ilustram a literatura de cordel. E completa: “Quando comecei a ler e estudar sobre história da arte, passei a gostar dos desenhos do cearense Antônio Bandeira, da obra do Miró, do Picasso, do Kandinsky, Paul Klee. Dentre os arquitetos, são inigualáveis os desenhos do Oscar Niemeyer”.

Sebrae e projetos futuros

Sempre muito ligado a projetos culturais, sua atividade no Sebrae-CE é fortemente relacionada à difusão e consolidação do tema da economia criativa, buscando envolver os empreendedores culturais com suas diversas linguagens em negócios criativos e colaborativos. “É um tema novo e em fase de desbravamento”, revela. Sobre os planos para o futuro, conta que o principal é dar continuidade a série ‘Cadernos de Desenho’, postada em seu Instagram (@joaquim_cartaxo). “Penso em publicar os desenhos em um livro, homenageando as histórias em quadrinho; e também me dedicar à literatura, lendo mais e escrevendo mais”, explica.



MAIS SOBRE O ARTISTA

ARTUR BOMBONATO

A ARTE EM SUA AMPLITUDE:
GRAFITE, MURALISMO E
PINTURA A ÓLEO



NATUREZA MORTA - 80 X 80 CM.

Apesar de jovem, Artur Bombonato possui uma grande bagagem quando o assunto é arte. Nascido em Canoas, no Rio Grande do Sul, ele conta que sua infância foi vivenciada em diferentes locais, já que o pai era piloto da Força Aérea e as mudanças acabavam por ser corriqueiras.

Sua relação com a capital cearense, para onde se mudou definitivamente aos oito anos de idade, entretanto, sempre foi de muito carinho. “Minha avó me levava de ônibus, descíamos na Praça dos Leões e passávamos a tarde batendo perna. Eu achava o máximo aquele tanto de gente, informação, cantos estranhos. Nem sei explicar o que me atraía, mas sempre ficou na minha mente e sempre que eu ia para lá me reconectava com essas lembranças”, recorda. Tempos depois, o destino se encarregaria de fazê-lo cruzar com esse passado novamente; afinal, hoje, é lá, no Centro de Fortaleza, que funciona seu ateliê.

Na família de Artur não existe nenhum artista profissional. Seu pai, porém, era um ótimo fotógrafo e desenhista nas horas vagas. “Então, sempre tive essa coisa, mas nunca tinha passado pela minha cabeça que poderia ser uma profissão”, diz. Com o tempo, o garoto passou a ver um significado especial para algo que, até então, era passatempo.

Sua trajetória começou com o grafite e o muralismo. Quando mais novo, eu me interessava muito por pichação, e, nesse momento, me interessei por arte urbana, comecei a fazer estêncil, aprendi a manejar o spray, etc. Daí, fui conhecendo a cena de Fortaleza, participei de festivais, conheci novas referências, aprendi a pintar com rolinho e tinta látex, e larguei o spray”, afirma.

“AS EXPERIÊNCIAS DE PINTAR NA RUA, DE CONHECER PESSOAS E DE SENTIR UMA REAÇÃO ALI, AO VIVO, SÃO COISAS QUE MARCAM MINHA TRAJETÓRIA.”

CONTINENTE AMARELO SOBRE CINZA - 90 X 60 CM.



Em paralelo aos murais que já realizava, Bombonato chegou a cursar Comércio Exterior na Universidade de Fortaleza (Unifor). O curso não foi concluído já que, na mesma época, acabou indo morar em Roma, o que o fez ficar distante da graduação e apostar tudo em seu sonho. A transição para a pintura a óleo foi, conforme ressalta, bastante natural, uma vez que seu trabalho de mural já tinha claros sinais que o diferenciavam do grafite tradicional e do pop cartoon. “Minha pegada era bem pictórica. Quando fui para Roma, tinha o objetivo de estudar pintura a óleo. Fiz um curso livre que encontrei e fui percebendo que tinha mais a ver com o que eu queria”, assevera.

Em suas várias viagens, Artur fez grandes amigos e percebeu que a arte é ampla e coletiva. Argentina, Marrocos e Itália são apenas alguns países em que seu talento pode ser visto. “Em alguns desses lugares eu já conhecia artistas locais e pegava umas dicas (como lidar com a polícia, por exemplo), em outros eu dava



PRATO CHEIO - 30 X 45 CM.

meu jeito de conhecer pessoas que pudessem me ajudar”, revela. O conhecimento diversificado é um dos fatores que favorecem a arte feita por Artur. Para se ter noção, o cinema de Tarkovski, as ideias do movimento tropicalista, pintores mais tradicionais e acadêmicos como Caravaggio e Pedro Alexandrino, o mistério dos surrealistas e metafísicos (Magritte e De Chirico) e a imagem como nos artistas alemães pós-guerra (Gerhard Richter, Anselm Kiefer, Harun Farocki) são algumas de suas referências.

Quando questionado sobre a escolha dos temas a serem trabalhados, filosofa: “Os temas começaram a aparecer quando eu parei de procurar e de ter o controle total. Fui deixando fluir mais de acordo com as coisas

que me afetavam e, aos poucos, fui percebendo qual o universo que eu ia compondo com isso, mesmo não conseguindo definir (nem sei se quero definir)”. Bombonato, que já teve trabalho selecionado para o 69º Salão de Abril, participa, agora, da 71ª edição. Artur é, certamente, um artista em clara ascensão, com os pés no chão, mas com mil ideias a serem realizadas.



MAIS SOBRE O ARTISTA

BATISMO - 60 X 90 CM.



“ARTUR TRABALHA NARRATIVAS PICTÓRICAS DE MISTÉRIO E ABSURDO QUE CONTEMPLAM QUESTÕES INERENTES À PRÓPRIA PINTURA E À SOCIEDADE.”

BIA PERLINGEIRO

A ARTE EM SUA FORMA MAIS SUTIL,
DINÂMICA E VERDADEIRA

Entre os vários ensinamentos que a arte nos proporciona, o maior deles, talvez, seja o de ressignificar acontecimentos e circunstâncias. A arte nos ajuda a amenizar dores e, mais do que isso, com ela, conseguimos transformar sentimentos que nos fazem seguir.

No dia 4 de abril de 2020, no Rio de Janeiro, Bia Perlingeiro, uma das mais importantes galeristas e curadoras cearenses, perdeu a batalha para a Covid-19. A partida de Bia, aos 56 anos de idade, deixou todo o cenário artístico em choque, afinal, a mulher dinâmica e criativa era, para todos aqueles que conviviam com ela, o sinônimo de pulsar da vida.

Durante as três últimas décadas, Bia desempenhou um papel fundamental para a difusão e o fortalecimento da arte cearense. Juntamente com o marido, o também galerista Max Perlingeiro, dirigia a Multiarte, uma das mais prestigiadas galerias de arte de Fortaleza. Para se ter ideia, o casal foi responsável por exposições



BIA PERLINGEIRO - FOTO: IARA MORSELLI.



BIA PERLINGEIRO E FAMÍLIA.

de artistas como: Cícero Dias, Irmãos Campana, Tomie Ohtake e Candido Portinari.

Idealizadora e grande difusora da arte, Bia sempre buscou modernidade e inovação, fosse trazendo ao Ceará mostras de grandes nomes, ou mesmo produzindo catálogos que primavam pelo bom gosto e pela informação de qualidade. Foi responsável pela coordenação da catalogação de obras para o livro Raimundo Cela (1890-1954),

primeira obra dedicada ao artista cearense. Sempre dinâmica e visionária, um de seus projetos mais recentes era a pesquisa sobre as Exposições de Arte no Ceará, histórias sobre salões e espaços expositivos que culminará em uma publicação inédita. Desde cedo, a galerista tinha como um de seus grandes ideais fazer com que o maior número de pessoas tivesse contato com os mais diversos segmentos artísticos e com a história da arte. Prova

disso é que criou, na Multiarte, espaços exclusivos dedicados ao estudo de processos criativos, que contavam com grupos, cursos e palestras. Ao todo, Bia coordenava dez grupos de estudo, com a mediação de cinco professores. Com a iniciativa, os participantes tinham a oportunidade de fazer algo que, para Bia, era essencial para o desenvolvimento intelectual: entrar em contato com obras e exposições em outros museus e galerias

por meio de um intercâmbio. Recentemente, com a participação de Sérgio Helle, Cadeh Juaçaba, Cristina Vasconcelos, Marco Ribeiro e Sérgio Gurgel, ela promovia, semanalmente, encontros para um acompanhamento crítico profissional para estes artistas. Idealizou e implantou um dos seus mais lindos projetos educacionais: “Espaço Família”. Encontro aos sábados com crianças, acompanhadas de seus familiares, dentro do ambiente das exposições. Atividades lúdicas a partir das exposições apresentadas. Nos últimos anos, se dedicou a apoiar ações filantrópicas como “Anjos do Natal”, uma iniciativa da jornalista Marcia Travessoni, e o “Natal do Bem”, promovido anualmente pelo Lide Ceará, além de ações anônimas em prol da comunidade. Sua paixão também foi repassada ao filho único, Victor Perlingeiro que, nos últimos anos, também dirigia a Multiarte. Bia era uma mulher de riso fácil e de abraço sincero. Bia sempre teve o dom da arte, ou seja, aproximava, encantava e fazia com que todos que estivessem a seu redor soubessem que a vida sempre vale a pena.



JUNTOS E MISTURADOS - FOTO: MARÍLIA CAMELO.



JUNTOS E MISTURADOS 2 - FOTO: MARÍLIA CAMELO.

“

A ARTE NOS AJUDA A AMENIZAR DORES E, MAIS DO QUE ISSO, COM ELA, CONSEGUIMOS TRANSFORMAR SENTIMENTOS QUE NOS FAZEM SEGUIR.

”

DEPOIMENTOS DE PESSOAS QUE TIVERAM A SORTE DE CONVIVER COM BIA:

“A Bia, que pessoa linda, que pessoa adorável... feita de luz! Uma flor! Um passarinho. Uma leveza maravilhosa. Quando ela entrava em um lugar, iluminava tudo com a sua alma, com a sua alegria. Era uma pessoa maravilhosa e fazia um trabalho importantíssimo: um trabalho de conscientização das pessoas através da arte; um trabalho profundo, de criar laços das pessoas com a arte, com a consciência, com as responsabilidades humanas. Lindo o trabalho da Bia! Um trabalho muito importante que continua e vai continuar para sempre como um presente para todos nós”.

Ana Miranda - Escritora

“Em torno da Bia, sempre nos encontrávamos com as dualidades com as quais ela tinha uma afinidade e maestria ímpar, aonde tudo fluía entre a suavidade e a firmeza, a leveza e a disciplina, a gentileza e a determinação em realizar sempre melhor, com muita dedicação. Um universo de amorosidade onde transitava muita amizade, muita admiração, trocas de saberes e de vida. Um lugar de muito afeto sempre iluminado e envolvido em prosperidade! E assim, em meio às belezas da arte e da vida, vivia a querida amiga Bia”.

Tânia Vasconcelos - Arquiteta e Urbanista

“Bia, sua atenção e sua delicadeza com as pessoas formaram um grande legado para a construção das relações no nosso circuito de arte”.

Carol Vieira - Professora dos Grupos de Arte da Multiarte

“Toda vez que eu entrar na Multiarte, vou ver a Bia em cada detalhe: no olhar de cada pessoa, nas marcas que ela imprimiu a esta galeria que é como ela, ágil e agregadora. Assim vou esquecendo que a arte cearense perdeu uma forte aliada”.

Dodora Guimarães - Presidente do Instituto Sérvulo Esmeraldo

“Conheci Bia na graduação de Artes Visuais. Desde então, a amiga, a mentora e a parceira de trabalho sempre me acompanharam. Bia era uma abarcadora de mundos possíveis e às vezes impossíveis, resultado da capacidade que tinha de escolher e formar pessoas, com quem partilhava projetos e sonhos. Seu grande projeto, os grupos de estudos da Multiarte, foi uma construção sem precedentes em Fortaleza e quiçá no Brasil. Fez desse encontro de pessoas um lugar de vida, partilha de saberes e construção crítica do olhar e sentir o mundo através da arte. Sua obra é da ordem dos encontros, dos afetos e das sutilezas, de alguém que fez história deixando um rastro enorme na história dos outros. Aprendi com ela o valor da palavra amizade e hoje a palavra ‘saúde’ nunca fez tanto sentido”.

Luciana Eloy - Professora dos Grupos de Arte da Multiarte

MUSEU BRINQUEDIM

UM ESPAÇO ONDE ARTE, LUDICIDADE E INFÂNCIA
SE MISTURAM

Um mundo colorido, lúdico e que nos faz pensar que a infância pode existir para sempre dentro de nós. É assim que nos sentimos ao conhecer o Museu Brinquedim, localizado no município cearense de Pindoretama.

Criado pelo artista plástico Antonio Jáder Pereira dos Santos, mais conhecido como Dim Brinquedim, o espaço conta com um acervo de 500 peças entre brinquedos, esculturas e telas, de pequenas e grandes dimensões, criadas ao longo de 40 anos. “Todo o acervo é distribuído em sete núcleos internos e um conjunto externo. Os núcleos exaltam a alegria e a brincadeira, e criam um ambiente que desperta e motiva o visitante para a compreensão do valor do lúdico para o enriquecimento e



fortalecimento da vida”, explica Dim. Paralelamente ao acervo artístico, a vegetação nativa que rodeia o Museu constitui parte importante do seu aparato educativo, propiciando conhecimentos sobre a diversidade natural da região.

Desde sua abertura pública, em 2002, o Museu Brinquedim já recebeu mais de 60.000 visitantes e atendeu 5.000 pessoas em suas ações educativas. A importância do equipamento foi reconhecida com diversas premiações, entre as quais: Pon-

tos de Memória, no ano de 2012; prêmio Modernização de Museus - microprojetos, em 2014, ambos do IBRAM; prêmio Culturas Populares, em 2017, do Ministério de Cultura e, no ano de 2018, o Museu recebeu do MINC a certificação de Ponto de Cultura. “O acervo é também utilizado como ferramenta para pesquisadores acadêmicos de diversas universidades brasileiras, que, a partir dessa coleção, abordam temas como design, brinquedos tradicionais, arte e ludicidade”, aponta Dim. E completa: “Esse

interesse da sociedade pelo acervo do Museu Brinquedim se manifesta, também, no fato de que as principais editoras nacionais de livros didáticos utilizam peças dessa coleção em suas ilustrações e citam o site do Museu como referência para a pesquisa”.

Sobre o artista Dim Brinquedim

Nascido no município cearense de Camocim, Antonio Jáder Pereira dos Santos, o Dim Brinquedim, sempre foi uma criança criativa e curiosa. “Desde





os três anos, ao que me lembro, me sinto feliz em inventar coisas. Depois de um tempo é que compreendi isso como arte. Mas a minha satisfação com o que faço independe de conceitos. O que me move é a alegria de poder concretizar a minha fantasia, a minha invenção, e torná-la acessível a outras pessoas”, revela. A consciência de que era, de fato, artista, veio aos 18 anos, quando conheceu o artista plástico Batista Sena. Conforme Dim, foi Batista quem teve a percepção do valor do seu trabalho, quem o orientou na pintura e quem o fez compreender o que fazia como arte. A partir daí, passou a conhecer novos materiais e tintas, a trabalhar com pincéis e a se dedicar conscientemente às artes plásticas.





Além das peças para o Museu, Dim também produz por encomenda. “Recentemente, produzi mais de 200 peças para dois espaços lúdicos em Horizonte, algumas para o Jardim Alchemist e outras para o grupo Seleto Empreendimento Imobiliário. Existem peças minhas espalhadas por todo o mundo, tenho clientes dos mais diversos estados do Brasil e das mais diversas nacionalidades também”, orgulha-se. E finaliza nos dando uma bela lição de como encarar a nossa existência: “O mais sério da vida para mim é o brincar. Levar a vida a sério é considerar seriamente que o objetivo maior da vida é a felicidade. É a brincadeira que fortalece no enfrentamento do cotidiano”.



MAIS SOBRE O MUSEU

Site:
www.museubrinquedim.org.br



**TOTONHO
LAPROVITERA**
ARTISTA MÚLTIPLO
E ARQUITETO

FALANDO EM ARTE

Ele passava horas a fio, quando o tempo ainda nem existia, pensando ao universo o que do nada fazer. Até que em um dia, bem à vontade e deitado em sonhos e ideias, resolveu brincar de criar e do nada tirou o mundo! Daí, fez a vida e, para dela melhor cuidar, Deus criou a arte!

Falando em arte, quando me perguntam para que ela serve, eu respondo: se o mundo existisse em harmonia, se a natureza causasse o equilíbrio entre as pessoas, talvez não necessitássemos de arte para viver.

Para a gente ver como a arte é maravilhosa: com sua universalidade de expressões, ela dispensa a tradução para sentimentos. E, assim, os artistas são seres iluminados! De suas almas colhem as mais diversas expressões que vêm do universo das inspirações. Aí, a pujança de seus sentimentos desvalem as porteiras do planeta e chegam a mil infinitos.

Puxando o assunto para mim, ao dar início ao meu processo criativo, desenhar e pintar sem saber o quê, me dá muito prazer. É a poesia de idear na pintura figuras que se formam nas nuvens do céu da minha imaginação e desenhá-las, na ousadia de perpetuá-las. Ao invés de buscar a criação, é brincar de achá-la. Afinal de contas, a arte não me é apenas uma atividade, ela é uma emoção lúdica de brincar a vida à sério.

Desse modo, os meus trabalhos contam muito da minha realidade e dos meus sonhos. Neles, encontro preciosos significados existenciais. Com eles, me misturo e vivo o sentido do meu numinoso ofício de artista!

E, assim, nós artistas, gozamos do mais legítimo e precioso dom que havemos: o da vida.

Como sou grato à arte! Como é bom ser artista!

“

PUXANDO O ASSUNTO PARA MIM, AO DAR INÍCIO AO MEU PROCESSO CRIATIVO, DESENHAR E PINTAR SEM SABER O QUÊ, ME DÁ MUITO PRAZER.

”

SPAZIO

CURADORIA
ARTE + DESIGNZ

SCULPT
G A L E R I A

pausa
sono e repouso

SPAZIO & SCULPT
Rua Paula Ney, 650

SPAZIO
Av. Padre Antônio Tomas, 2288

PAUSA
Rua Paula Ney, 796 - Aldeota.

@SPAZIODECOR

@PAUSACONCEITO

A melhor Graduação em

Cinema e Audiovisual

é na Universidade de Fortaleza



Aqui, você aprende com quem faz!

▶ Curso conceito máximo no MEC

○ Emissora de TV, estúdios e estrutura de equipamentos no campus

□ Professores mestres e doutores, com forte ligação com o mercado

□ Grupos de Pesquisa e práticas de roteiro e documentário

www.unifor.br
[#estudenaunifor](https://twitter.com/estudenaunifor)



Universidade de Fortaleza
Ensinando e Aprendendo